

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

AUGUSTO MACHADO ROCHA

A Religião Islâmica na *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

AUGUSTO MACHADO ROCHA

A Religião Islâmica na *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História Diurno - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do título de obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira.

Porto Alegre

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

AUGUSTO MACHADO ROCHA

A Religião Islâmica na *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História Diurno - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do título de obtenção do grau de Licenciado em História, pela seguinte banca examinadora:

Orientador

Igor Salomão Teixeira

Avaliador 1

Profa. Dra. Cybele Crossetti de Almeida

Avaliador 2

Prof. Me. Odir Mauro da Cunha Fontoura

Porto Alegre, 15 de janeiro de 2018

Este trabalho é dedicado a todos que foram grandes incentivadores e que sempre acreditaram em meus sonhos e me apoiaram nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Igor Teixeira, pelo acompanhamento, orientação e amizade, nos bons e maus momentos. Sem sua orientação não teria sido possível chegar neste momento de desfecho.

A minha querida e inestimável amiga Keyrauan Taha, sem a qual não teria conseguido conceber esta ideia e desenvolver este trabalho. Sem o apoio e as diversas leituras que fizemos deste texto acredito que estaria desamparado no que se refere a busca por meu problema de pesquisa.

Aos meus amigos, familiares e entes queridos que se mantiveram ao meu lado neste período de constante trabalho, de stress e muito cansaço. O apoio e a participação de cada em minha vida possibilitou a entrega deste trabalho de Conclusão de Curso.

“Tolera o Islam outras Crenças? O Alcorão diz: ‘Deus nada vos impede quanto àqueles que não vos combateram pela causa da religião e não vos expulsaram, nem que lidais com eles com gentileza e equidade, porque Deus aprecia os equitativos’. (60ª. Surata, versículo 8). É função da lei islâmica proteger o status privilegiado das minorias, e por isso que os templos dos não-muçulmanos floresceram em todo o mundo islâmico. A história fornece muitos exemplos de tolerância islâmica às outras crenças. Quando o Califa Omar entrou em Jerusalém, no ano de 634, ele garantiu a liberdade de culto a todas as comunidades religiosas da cidade. A Lei islâmica também permite às minorias de instalarem seus próprios tribunais, que cumprem as leis familiares redigidas pelas próprias minorias.” (EL HAYEK, S., “Compreenda o Islam e os Muçulmanos”. São Paulo, SP: Editora Catavento, 2012. pp. 65.)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o Islã na obra de Jacopo de Varazze (†1298), a *Legenda Áurea*. A partir da leitura do capítulo sobre “São Pelágio, papa”, busquei identificar como o dominicano caracteriza o Islã e problematizar possíveis porquês da aversão à religião monoteísta fundada no século VII. O problema de pesquisa neste trabalho é: A representação da religião Muçulmana, na *Legenda Áurea*, está relacionada com a expansão islâmica para o Sul Italiano e a derrota na batalha pela posse de Jerusalém? O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro falo sobre o conceito de hagiografia e os trabalhos desenvolvidos sobre a *Legenda Áurea*; no segundo desenvolvo uma análise sobre o Islã no capítulo de São Pelágio, Papa; no terceiro realizo uma análise sobre esta religião em outros capítulos da mesma obra. A conclusão de deste trabalho é que a representação do Islã na *Legenda Áurea* está vinculada com a tentativa de apresentar essa religião como uma heresia do Cristianismo, de maneira a diminuí-la em um momento posterior às derrotas nas batalhas pela posse da cidade sagrada.

Palavras Chave: Islã, Jacopo de Varazze, *Legenda Áurea*, São Pelágio, papa.

ABSTRACT

This paper has the objective of analysis the Islam in the book written by Jacopo de Varazze (†1298), *The Golden Legend*. Beginning with the lecture of “Saint Pelagio, Pope”, we search for how the Dominican characterize the Islam and, at the same time, to problematize possible reasons of the aversion to this monotheistic religion, founded in the seventh century. The search problem here is: Is the representation of the Muslim religion, in the *Golden Legend*, related with the Islamic expansion to the South of Italy and with the defeat of the battle for Jerusalem? This work is divided in three chapters. The first one is about the concept of hagiography and the studies about the *Golden Legend*; in the second we develop an analysis about the Islam presence in the *Saint Pelagio, Pope*, chapter; in the third we realized an analysis about the presence of the Islam in other chapters of this document. The conclusion of our paper is that the representation of the Islam, in the *Golden Legend*, is related with the attempt to present this religion as a Cristian heresy, trying to reduce the force of this Faith in a moment posterior to Cristian defeat in the battle for the Holy City.

Key Words: Islam, Jacopo de Varazze, *Golden Legend*, *Saint Pelagio, Pope*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. OS ESTUDOS SOBRE A LEGENDA ÁUREA NO BRASIL E A IMPORTÂNCIA DE UM ESTUDO SOBRE O ISLÃ.....	15
2. O ISLÃ EM SÃO PELÁGIO, PAPA.....	29
3. O ISLÃ PARA ALÉM DE SÃO PELÁGIO, PAPA.....	42
CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59

INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão teve sua base a partir da participação no Projeto de Pesquisa denominado “Histórias da Península Itálica: Crônicas, Hagiografias e Sermões (Séculos XIII e XIV)”, sob a coordenação do Professor Igor Teixeira, entre 2015/2017. Durante este período tive bolsa de Iniciação Científica PROBIC-FAPERGS (2016-2017). Ao longo desta pesquisa entrei em contato com diversas obras que mergulham no universo da Península Itálica na Idade Média, e principalmente, tive acesso ao documento que será central para o desenvolvimento deste trabalho, a *Legenda Áurea*¹, de Jacopo de Varazze.

A partir do capítulo CLV denominado “São Pelágio papa”, “esse Pelágio não foi o predecessor de São Gregório, mas o terceiro antes dele. O Pelágio de que falamos teve por sucessor João III; a João sucedeu Bento, a Bento, Pelágio e a Pelágio, Gregório”², buscaremos responder a seguinte questão: A representação da religião Muçulmana, na *Legenda Áurea*, está relacionada com a expansão islâmica para o Sul Italiano e a derrota na batalha pela posse de Jerusalém?

Este capítulo da obra de Jacopo de Varazze é o último capítulo da tradução brasileira. Em outras versões o texto é encerrado pelo capítulo da Consagração dos Templos. O texto sobre Pelágio é uma espécie de resumo da história da Igreja, passando pela região da Lombardia (e o vínculo entre o Império e as Terras Papais, relacionadas com o domínio desta região). Neste texto há uma extensa passagem sobre a origem do Islã e sobre os muçulmanos.

O capítulo, ao abordar uma perspectiva voltada para o cenário político de formação destes territórios, acaba por se diferenciar dos demais textos contidos na *Legenda Áurea*. Isto é interessante perceber na medida em que a obra é definida como compilação hagiográfica. A hagiografia é um termo que pode ser sintetizado a partir das seguintes características:

“HAGIOGRAFIA – Do grego hagiografia, escritos relativos aos santos. Sinônimo de “hagiologia”, designa os textos destinados a relatar a vida dos santos. Comum desde a Idade Média nos países católicos ou que receberam influência da Igreja, a hagiografia ostentou caráter literário até o século XVII,

¹ JACOPO DE VARAZZE. *Legenda áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

² IDEM. *Ibidem*. p. 1003.

quando passou a incorporar as preocupações científicas despertadas na ciência historiográfica do tempo [...].”³

Bem como:

“A vida de um santo é hagio-grafia, escrito sagrado ou sobre o sagrado ou santo. A Bíblia é por excelência uma história sagrada. Por isso, os autores de seus vários livros não se denominam historiadores, mas hagiógrafos. Assim se chamam também, na Antiguidade cristã e na Idade Média, os que escreveram a Vida de um santo.”⁴

A partir destes dois trechos podemos entender que o foco central de um texto hagiográfico é o relato, a história de uma santidade, procurando construir quem seria e como teria se formado essa figura santa, visando, principalmente, o incentivo ao culto. Desta forma, devemos compreender que a Hagiografia “privilegia os atores do sagrado (os santos) e visa a edificação (uma ‘exemplaridade’)”⁵. Este modelo de escrita foi uma das ferramentas utilizadas durante a Idade Média para preservar a memória e contar a história dos santos, assim à “hagiografia na Baixa Idade Média ‘é uma literatura empenhada, predominantemente religiosa’, que significa retratar a vida de homens ou mulheres, que ao longo de suas vidas praticaram ações, que os levaram ao sagrado.”⁶. Como Michel de Certeau afirma em *A Escrita da História*:

“A hagiografia cristã (a única aqui evocada) não está limitada a Antiguidade ou a Idade Média, mesmo que, desde o século XVII, tenha sido muito estudada sob o ângulo da crítica histórica e de um retorno às fontes e, desta maneira, alinhada com a lenda nos tempos de uma pré-historiografia antiga que reservava ao período moderno o privilégio das biografias científicas. É impossível, também, não considerá-la senão em função da “autenticidade” ou do “valor histórico”: isto seria submeter um gênero literário a lei de um outro – a historiografia e dismantlar um tipo próprio de discurso para não reter dele senão aquilo que ele não é.”⁷

Ao compreendermos o conceito de hagiografia como aqui apresentado é possível identificarmos como o capítulo sobre São Pelágio, Papa, na *Legenda Áurea* é distinto dos demais, pois se “a hagiografia medieval se constituiu como meio de elaboração e

³ MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004. P. 27.

⁴ SILVEIRA, I. Retrato de Santa Clara de Assis na literatura hagiográfica. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995. P. 11.

⁵ DE CERTEAU, Michel “*A Escrita da História*”; tradução Maria de Lourdes Menezes, revisão técnica [de] Arno Vogel – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 241.

⁶ CARVALHO, C. “Hagiografias, Fontes Franciscanas e Francisco”. As Hagiografias Franciscanas (século XIII): uma reconstrução do conceito de pobreza. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p.30. 2011. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/arquivos/CibeleCarvalho.pdf>. Acesso em: Setembro de 2017.

⁷ *A Escrita da História*. P. 241.

preservação da memória de santos e santas católicas”⁸, no referido Capítulo não é o que ocorre. Ao contrário, temos a construção de “uma história universal” que englobaria boa parte do período de vida dos santos e santas presentes na obra e não um capítulo específico para estimular o culto a um santo chamado Pelágio.

Este capítulo é aproximado de um relato cronístico em meio ao texto Hagiográfico. Considerando a análise de Igor Teixeira, presente no livro *A Legenda Áurea de Jacopo de Varazze: temas, problemas, perspectivas*, isso pode significar que

“Jacopo de Varazze pode ter pensado em um capítulo para abarcar temporalmente grande parte do que é tratado de forma relativamente superficial nos outros capítulos. Afinal, os dados cronológicos são praticamente ausentes nos capítulos santorais da obra”⁹.

Assim, ao analisar a composição de São Pelágio, Papa, utilizamos essa compreensão (apontada por Teixeira), para guiarmos nossa análise no que se refere a este texto hagiográfico, percebido como atípico. Ao perceber as diferenças deste texto torna-se necessário definir em que grupo textual ele se encaixa, de maneira que seja possível construir uma análise de seu conteúdo e forma, assim sendo, acredito que este capítulo pertença ao formato das crônicas, modelo textual utilizado para a construção da história das cidades e povos.

A historiadora Marcela Guimarães, em um trabalho sobre o discurso cronístico e a narrativa histórica, propõe uma dupla análise no estudo de obras medievais: o Projeto historiográfico X a Pretensão da Obra, pensando na “mudança na maneira de narrarmos uma história e no próprio enredo desta”¹⁰. A autora se refere às crônicas medievais e acreditamos na utilização da mesma lógica para a compreensão do relato sobre Pelágio na medida em que existe uma forma narrativa, um enredo, e são estes os principais aspectos que fazem com que o capítulo perca o aspecto hagiográfico passando a aproximar-se de uma crônica sobre o como se deu o desenvolvimento de um povo (com foco nos Lombardos, mas transitando pelo pela cultura islâmica), centrado numa região

⁸ SANTOS, M. e DUARTE T. “A Escrita Hagiográfica Medieval e a Formação da Memória dos Santos e Santas Católicos”, *Fazendo Gênero* 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010. P. 1. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf. Acesso em: Setembro de 2017.

⁹ TEIXEIRA, I. *A Legenda Aurea de Jacopo de Varazze: temas, problemas, perspectivas*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2015. P. 68.

¹⁰ GUIMARÃES, M.L. “O discurso cronístico e a narratividade histórica”. In: MARCHINI NETO, D. e NASCIMENTO, R. C. de S. (Orgs). *A Idade Média: entre a história e a historiografia*. Goiânia: PUCGOIÁS, 2012, pp. 53 – 77.

de grande importância para a Igreja e para o próprio autor da *Legenda Áurea* (os territórios que hoje compõem a Itália).

Jacopo de Varazze

Jacopo de Varazze é tido como um dos principais autores do medievo¹¹, em função da escrita da *Legenda Áurea*, “que possivelmente foi o livro mais popular da Idade Média”¹². Hilário Franco Júnior descreve a origem de Jacopo de Varazze da seguinte forma:

“Jacopo, nascido em 1226 na cidade de Varazze, próxima a Gênova. Com dezoito anos de idade ele ingressara na Ordem Dominicana, em cuja hierarquia progrediu por sua cultura e zelo evangelizador, tornando-se a partir de 1267, por vinte anos, o líder da Ordem na importante província da Lombardia.”¹³

Desta forma podemos perceber que desde jovem Jacopo de Varazze esteve unido ao movimento dominicano. Franco Junior afirma que ele teria como “objetivo imediato [...] fornecer aos seus colegas de hábito, os dominicanos ou frades pregadores, material para a elaboração de seus sermões”¹⁴. Ou seja, Jacopo de Varazze teria sido fundamental no desenvolvimento do material necessário para que os pregadores realizassem seu trabalho de divulgação da palavra do Senhor em via pública, construindo um perfil de cada santidade.

O trabalho de Jacopo de Varazze foi o de expandir o conhecimento e a facilidade do contato com conhecimentos eclesiásticos considerados corretos frente aos comportamentos considerados hereges. Desta maneira, a palavra sagrada, e o exemplo, conseguiriam encontrar um maior número de pessoas – ao longo de sua vida este trabalho lhe trouxe grande reconhecimento, como é demonstrado por Hilário Franco Júnior:

¹¹ Esta referência é encontrada em diversos artigos (citados na bibliografia e utilizados para este trabalho), onde se encontra a referência que dada repercussão da obra *Legenda Áurea*, Jacopo de Varazze tornou-se um autor de grande renome, na época e em nossos dias, devido ao grande número de pesquisas que se utilizam de seu trabalho.

¹² RICHARDSON, E. C. "Christian Classics Ethereal Library". *Bibliographical Synopsis in The Ante-Nicene Library*, V. 10. New York, 1899. P. 150: "Which was possibly the most popular book of the Middle Ages".

¹³ FRANCO JUNIOR, H. "Apresentação". In: JACOPO DE VARAZZE. *Legenda áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica – São Paulo: Companhia das Letras, 2003. P. 12.

¹⁴ IDEM. Ibidem. p. 12.

“Quando Gênova foi excomungada por ter continuado a comerciar com a Sicília apesar da proibição papal, Jacopo foi (junto com o franciscano Rufino de Alessandria) o escolhido pela cidade para ir a Roma solicitar perdão. Em 1292, foi sagrado arcebispo de Roma pelo papa Nicolau IV. Nesse cargo, teve, em 1295, papel decisivo na reconciliação entre genoveses gibelinos (adeptos do imperador) e guelfos (adeptos do papa). Morreu em 1298, admirado pelos seus concidadãos, tornando-se em 1645 patrono de Varazze e sendo beatificado em 1816 pelo papa Pio VII”¹⁵.

As informações fornecidas por Hilário Franco Júnior encontram respaldo na bibliografia utilizada para este trabalho, bem como no capítulo que Jacques Le Goff destina ao autor da *Legenda áura*, em seu livro “Homens e mulheres da Idade Média”, utilizado para analisar a figura do autor do documento base deste texto. Desta forma, podemos compreender o papel e a importância que Jacopo de Varazze possui para este período, através da escrita de sua principal obra, a *Legenda áurea*.

Após esta breve introdução, definimos a seguinte estrutura para este trabalho. Inicialmente iremos analisar os estudos desenvolvidos sobre a *Legenda Áurea*, no Brasil, de maneira a compreendermos as abordagens feitas e o espaço dado à temática aqui abordada; em seguida realizaremos uma análise sobre a presença do Islamismo no capítulo de São Pelágio, Papa; ao fim do terceiro capítulo deste trabalho de conclusão proporemos um estudo sobre a presença do Islã em outros capítulos deste documento, para então encerrarmos o trabalho apresentando as conclusões alcançadas.

¹⁵ IDEM. Ibidem. p. 12.

OS ESTUDOS SOBRE A LEGENDA ÁUREA NO BRASIL E IMPORTÂNCIA DE UM ESTUDO SOBRE O ISLÃ

A *Legenda Áurea* é um documento com muitas referências no Portal de Periódicos da CAPES¹⁶ e na Plataforma Lattes, do CNPq.¹⁷ Uma hipótese que pode explicar, no caso brasileiro, esses números é que a tradução para o português facilitou o acesso. Acrescentamos, também, que boa parte dos estudos baseados na *Legenda Áurea* utilizam este documento como base para um estudo do universo da santidade, ou seja, para uma análise da construção dos santos, ou em paralelo com a construção da ideia de outros autores ou figuras santas do período medieval. Podemos citar trabalhos como: “A Encruzilhada das Ideias: Aproximações entre a Legenda Áurea (Iacopo de Varazze) e a Suma Teológica (Tomás de Aquino)”¹⁸ e “Hagiografia, propaganda e memória histórica. O monasticismo na *Legenda aurea* de Jacopo de Varazze”¹⁹.

Os estudos referentes à *Legenda Áurea* cresceram após o ano de 2003, coincidindo com a publicação da tradução deste documento em língua portuguesa, organizada por Hilário Franco Júnior²⁰, professor de História Medieval, por muitos anos, da Universidade de São Paulo. A partir desta tradução o número de trabalhos voltados para o estudo da Idade Média aumentou, e no que se refere ao estudo da *Legenda Áurea* os trabalhos tornaram-se mais volumosos e proeminentes, sendo que a

¹⁶ De acordo com o Banco de Periódicos da CAPES existem 1042 trabalhos referentes à Legenda Áurea, em diversos idiomas, sendo que 804 materiais foram produzidos entre o ano 2000 e 2017. E quando avaliamos os estudos em língua portuguesa, para o mesmo período, os números de resultados caíram para 23 trabalhos. O termo utilizado para esta pesquisa no Banco da CAPES foi “Legenda Áurea”, de maneira que todos os trabalhos que citam este documento foram apresentados. (pesquisa realizada no dia 23 de julho de 2017, às 22:10).

¹⁷ TEIXEIRA, I.S. *A Legenda Áurea de Jacopo de Varazze: temas, problemas, perspectivas*. São Leopoldo: Oikos, 2015. P. 100. “Entre os dados de 2013 e os encontrados em 2015 é possível notar alguns acréscimos. Na primeira ocasião, para uma busca que cruzava assunto – titulação – nacionalidade (hagiografia medieval – doutores e demais pesquisadores – brasileira) foram encontrados 105 resultados. Em consulta realizada em agosto de 2015 essa mesma busca resultou em 125 ocorrências. Trocando “hagiografia medieval” por *Legenda Áurea*, 60 resultados. Isso, em uma primeira constatação revela que quase 50% dos *curricula* cadastrados nessa plataforma e identificados na primeira busca se dedicam e/ou se dedicaram em algum momento ao estudo, análise e/ou orientação de trabalhos sobre a obra do dominicano Jacopo de Varazze”.

¹⁸ IDEM. “A Encruzilhada das Ideias: Aproximações entre a Legenda Áurea (Iacopo de Varazze) e a Suma Teológica (Tomás de Aquino)”. Porto Alegre: UFGRS, 2007. 166 f. Dissertação de Mestrado em História – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/10787>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

¹⁹ ALMEIDA, N. B. “Hagiografia, propaganda e memória histórica. O monasticismo na Legenda Áurea de Jacopo de Varazze”, *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 7, n. 2, jul.-dez., 2014. pp. 94 - 111. Disponível em: <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/348>

²⁰ JACOPO DE VARAZZE. *Legenda áurea: vidas de santos...* Op. cit.

maior parte destes está concentrada em trabalhos da graduação. A importância desta tradução pode ser entendida a partir do seguinte argumento:

“A difusão desta tradução fez nascer, principalmente após 2005, uma “terceira geração” com uma série de outros trabalhos já identificados em monografias de conclusão de curso de graduação e novas dissertações de mestrado para além do eixo Rio-São Paulo. Uma “quarta geração” está em gestação na medida em que os pesquisadores formados no final do século XX e início do século XXI estão, neste momento, orientando pesquisas na graduação e na pós-graduação, o que mantém a diversidade institucional originada na “geração” anterior. O que nos parece mais evidente em relação a essas premissas, num primeiro sobrevoo, é que a publicação da tradução brasileira desempenhou um papel importantíssimo na multiplicação de estudos sobre a *Legenda Áurea* no país.”²¹

Podemos compreender que a partir do momento em que os pesquisadores brasileiros (independente de seu nível de formação) tiveram a possibilidade de trabalhar com um documento medieval em português os estudos sobre esta temática foram ampliados. Ao realizarmos um estudo baseado em nossa língua materna encontramos uma facilidade prática com o material de análise, mas ao mesmo tempo um desafio, pois com o uso de uma tradução – sem o devido cuidado – podemos acabar perdidos na interpretação do tradutor, que pode, por vezes, reinterpretar o sentido original do texto proposto pelo autor. Em meio aos estudos da *Legenda Áurea* é observado que,

“A obra de Jacopo carrega a responsabilidade simbólica de armar os pregadores contra os inimigos da doutrina cristã, objetivando o combate às heresias e aos infiéis e a “manutenção” dos fiéis. Somando a isso, ainda percebemos a promoção dos preceitos religiosos propostos pela Igreja e a colocação da lei divina acima das demais, mesmo dos poderes imperiais.”²²

Desta forma encontramos na *Legenda áurea* um documento que possui um direcionamento amplo, ou seja, não visa encontrar apenas um seleto grupo, como boa parte dos escritos do período medieval. Este texto, embora escrito em latim – o que limitava o público leitor - era direcionado para a elaboração de sermões, e, por isso, direcionado à comunidade cristã, tendo um amplo alcance, dado às diversas cópias e

²¹ TEIXEIRA, I.S. *A Legenda Áurea de Jacopo de Varazze: temas, problemas, perspectivas*. São Leopoldo: Oikos, 2015. P. 100.

²² FALCI, P. G. “Os Martírios na Construção de Santidades Gendrificadas: uma análise comparativa dos relatos da *Legenda Áurea*”. Dissertação de Mestrado em História – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), abril de 2008, p. 50.

traduções²³ locais que aconteceram entre sua escrita e o século XVI, como Priscila Falci apresenta em sua dissertação de Mestrado.

Os escritos da *Legenda Áurea* são baseados no relato da vida de diversos Santos, e na análise realizada no segundo capítulo deste TCC temos uma apresentação de acontecimentos do período histórico abarcado ao longo deste documento. Assim, temos um relato hagiográfico enquadrado em um discurso próximo do cronístico que nos permite uma análise geral da perspectiva do momento histórico no qual Jacopo de Varazze esteve inserido. A *Legenda áurea* apresenta-se como um vasto universo de possibilidades para a construção de pesquisas e problemas, dada à vasta quantidade de conteúdos que podem ser extraídos desta obra. Foi em virtude disto que este foi o documento escolhido como fonte para este trabalho. Afirma-se que,

“A hipótese que mais nos parece clara no momento é que um estudante em fase inicial de formação e com formação deficitária (ou não domínio) de outros idiomas entra em contato com os estudos sobre a *Legenda aurea* a partir da historiografia em língua portuguesa. Isso seria um indício do que podemos tratar aqui como uma certa “tradição” de estudos no Brasil sobre essa obra do século XIII. E, começando pela historiografia brasileira e a recorrência dos temas identificados nos parágrafos anteriores, podemos inferir que é no diálogo com esses estudos que problemas de pesquisa são gestados.”²⁴

Ou seja, supõe-se que boa parte do uso dado a *Legenda Áurea* como instrumento central em trabalhos de pesquisa, no Brasil, está baseada em sua tradução para a língua portuguesa, datada de 2003. Esta facilidade tornou-se um grande diferencial para a utilização da *Legenda* no desenvolvimento de diferentes problemas de pesquisa, de forma que estes são utilizados para a construção de materiais comparativos, bem como de análises de determinadas temáticas dentro do próprio documento (como questões de gênero e dos processos do tornar-se santo).

A *Legenda* é uma pauta de estudos multifacetada por sua diversidade de relatos, possuindo mais de 150 biografias de santos, bem como um capítulo em si diferencial de um texto hagiográfico (o de São Pelágio). Desta forma temos a possibilidade de construir um estudo sobre diversas questões de grande importância para os campos existentes na historiografia, diretamente relacionados com a Idade Média ou pensando-

²³ O estudo mais amplo, no que se refere a cópias e traduções pode ser encontrado na tese de Barbara Fleith “Studien zur Überlieferungsgeschichte der Lateinischen Legenda Aurea”, publicada em Bruxelas em 1991. Disponível em: <https://hsslit.bsb-muenchen.de/metaopac/search?View=hsslit&id=hsslit69399>.

²⁴ TEIXEIRA, I.S. *A Legenda Áurea de Jacopo de Varazze...* op. cit. p. 105.

se no campo da teoria sobre o que representava um estudo histórico e o porquê das hagiografias englobarem esse conjunto.

A *Legenda Aurea* é um documento escrito com o intuito de ser um material de apoio para os pregadores dominicanos, ou seja, de forma que os oradores pudessem elaborar sermões, sendo que a os relatos hagiográficos seriam usados como base dos argumentos dos frades. Sobre as atividades praticadas pelos pregadores, podemos dizer o seguinte: “A pregação mendicante possui caráter social declarado, porque ela não se esgota na explicação bíblica ou exortação religiosa: é também e, sobretudo a proposição de modelos de conduta adaptados ao agir laico”²⁵, ou seja, a pregação busca envolver diretamente aqueles que a ouvem, gerando uma reflexão e incorporação de ideais.

Ao avaliarmos a *Legenda Aurea* como uma ferramenta para os pregadores compreendemos esse documento sob uma perspectiva como um trabalho escrito para ser adaptado para o uso oral. Desta forma, como Miatello afirma,

“Nesse contexto, a pregação é algo fundamental, pois é um instrumento de comunicação de massa (D’AVRAY, 1985, p. 3) durante toda a Baixa Idade Média, senão antes. Temos milhares de relatos que indicam que os pregadores falavam às multidões; e temos milhares de manuscritos que registram milhares de sermões. É instrumento de comunicação, de formação moral, religiosa, mas também cultural e linguística, haja vista as pregações nos diversos vernáculos dos séculos XIII e XIV.”²⁶

Visualizamos a possibilidade de a *Legenda Aurea* ser um trabalho composto com um sentido amplo e com um alcance diverso. Desta forma, o trabalho de Jacopo de Varazze manifestaria uma necessidade particular de seu tempo, que seria a necessidade do contato dos pregadores com materiais que pudessem embaçar as pregações públicas tão comuns no Norte da Península Itálica. Ou seja, a forma da escrita de Jacopo de Varazze está baseada no uso de seu texto como instrumento para a narrativa dos Frades Menores em praça pública, desta forma podemos compreender uma das causas para tantas perspectivas sobre este documento do medievo, que gera, até hoje, diversos questionamentos e análises.

“O objetivo era colocar à disposição dos Pregadores alguns materiais úteis para serem desfrutados no seu ofício para a instrução doutrinária e educar eticamente os fiéis aos quais se dirigiam. Em outras palavras, as legendas hagiográficas da *Legenda Aurea* eram apenas uma base, um ponto de partida, para uma pregação que, por enfrentar os grandes problemas contemporâneos

²⁵ RUSCONI, R. *Predicatori e predicazione (secoli IX-XVIII)*. In: VIVANTI, Corrado. *Storia d’Italia. Intelletuali e potere. Annali 4*. Turim: Giulio Einaudi Editore, 1981. p. 948.

²⁶ MIATELLO, A. L. P. “Relações de poder e bem comum na Baixa Idade Média Italiana (século XIII – XIV)”. *Anos 90 (UFRGS. Impresso)*, v. 20, n. 38, p. 181 – 217, 2013. Pp 202 e 203.

do conhecimento doutrinal e dos comportamentos éticos, nos quais o humano e o divino, a eternidade e o presente, alma e corpo, estavam entrelaçados: o culto a homens que coparticipavam da glória de Deus”²⁷.

Enquanto Maggioni reflete sobre o uso da *Legenda Áurea* como uma ferramenta de apoio utilizada para facilitar o trabalho dos pregadores em suas pregações na via pública, de forma a ser um mecanismo de apoio para a fala, outros trabalhos fazem reflexões diversas sobre o documento. Através dos estudos da pesquisadora Tereza Renata Silva Rocha, nos deparamos com a perspectiva de um trabalho através do estudo das traduções do documento, no caso a versão em francês da *Legenda*, que como ela afirma teria um papel diferente do proposto por Maggioni:

“A *Legenda* oferecia uma verdadeira enciclopédia da salvação, assim como os livros de horas, seguindo também uma tendência enciclopédica que toma corpo no século XIII. Assim, acreditamos que a obra não era considerada somente como um caro repositório de belas imagens, mas também era lida e tida como um instrumento de devoção individual.”²⁸

Neste caso, a autora trabalha com o papel individual da *Legenda*, que teria uma importância pessoal para seus leitores e apreciadores, saindo do contexto de utilização da obra apenas como uma ferramenta para aqueles que pregavam. A autora trabalha com a perspectiva de que a *Legenda áurea* teria sido modificada a partir de sua tradução para a língua francesa²⁹, onde as reproduções deste documento “já não mais se destinam a ser instrumentos para os pregadores – sem ilustrações com diversas anotações e marcações. Trata-se neste momento de ‘artigos de luxo’, ricamente adornados com belas imagens”³⁰.

Encontramos outra reflexão ao longo deste trabalho da pesquisadora que remete a uma questão já comentada neste capítulo: a disponibilidade das traduções no que se refere aos estudos sobre o período medieval. Enquanto Maggioni trabalha com o texto “original” da *Legenda* e analisa a perspectiva da obra a partir do ponto de vista de sua utilização pelos pregadores, temos o trabalho de Tereza Rocha baseado na elaboração

²⁷ MAGGIONI, G. P; “A hagiografia em um sistema de comunicação medieval: questões filológicas sobre a *Legenda Áurea*”. In: TEIXEIRA, I. S. (Org).. Tempo, espaço e texto: a Hagiografia Medieval em Perspectiva. São Leopoldo: Oikos, 2017. P. 108.

²⁸ ROCHA, T. R. S. “‘La Légende Dorée’ de Jean de Vignay: questões sobre as versões da *Legenda Áurea* em francês”. In: TEIXEIRA, I. S. (Org).. Tempo, espaço e texto: a Hagiografia Medieval em Perspectiva. São Leopoldo: Oikos, 2017. P. 130.

²⁹ A tradução francesa da *Legenda Áurea* trabalhada pela Pesquisadora é a produzida por Jean de Vignay, datada de (aproximadamente) 1333, sendo uma das (pelos menos) 06 traduções produzidas na França durante o período Medieval.

³⁰ IDEM, pp. 135.

de versões do texto que se encontram além do simples uso da pregação, passando para a tutela pessoal, principalmente da nobreza, que como a autora afirma encontraria na versão da *Legenda Áurea* um manual para a salvação.

Ao refletirmos sobre as múltiplas possibilidades da *Legenda* devemos avaliar como este documento deve ser abordado para que novas pesquisas sejam de fato novas e não apenas repetições do que já foi trabalhado. Para tal, neste momento começaremos a ingressar no Capítulo de São Pelágio, Papa de maneira mais direta, buscando compreender como o tema da pesquisa (a religião islâmica) está inserido neste amplo universo da *Legenda Áurea*, de Jacopo de Varazze. Nosso objetivo será o de conseguir trabalhar com nossa temática, de maneira a justificar que nossa escolha foi feita pela possibilidade de inovar e não pela facilidade do idioma.

Antes de adentrarmos na presença muçulmana no Capítulo de São Pelágio, Papa, precisamos refletir sobre o diferencial deste capítulo, no que se refere à multiplicidade de temas inseridos nele. Apesar de ser um capítulo que não está baseado em uma santidade específica – sua estrutura, quando refletimos sobre a visão de Maggioni, onde a *Legenda* teria o papel de ser um apoio aos pregadores, apresenta uma lógica de informação religiosa frente a heresias, no que se refere ao mundo de Jacopo de Varazze.

Em seus estudos, João Guilherme Rangel defende que a pregação é o grande foco da *Legenda Áurea*. O autor afirma que:

“O combate às heresias empreendido pela Igreja desde o século XII, e principalmente no século XIII, não vai ocorrer apenas por meio da perseguição. Era necessário reprimir, mas também prevenir o alcance das falsas doutrinas. Nesse sentido, a pregação aparece como um meio capaz de “por un lado, (...) remover las consciencias de los culpables, por outro, formar em la recta doctrina al Pueblo de Dios”³¹. Para Iniesta, pregação, sacramento e a formulação judícia serão os três meios de atuação da Igreja contra as heresias”³².

Em um ambiente voltado ao combate às heresias e onde os textos seriam escritos visando sua utilização em praça pública encontramos no Capítulo de São Pelágio o mesmo modelo, porém não temos mais a presença de um Santo, mas sim de uma história sobre a Lombardia e o como a Igreja solidificou as relações na região. Desta forma temos neste Capítulo a construção da história que se encontra por trás das

³¹ INIESTA, J. B. “Excommunicamus et anathematisamus: predicación, confesión e inquisición como respuesta a la herejía medieval (1184 -1233). Anuario de Derecho Canónico, 2, 2013, p. 102.

³² RANGEL J. G. L. “Pregação e combate às heresias na segunda metade do século XIII: o caso da *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze”. In: Igor Salomão Teixeira, Carolina Niedermeier Barreiro e Gustavo da Silva Gonçalves. Idade Média: exercícios de pesquisa. – São Leopoldo: Oikos, 2017. P. 60.

santidades apresentadas nesse relato hagiográfico, esse texto visa demonstrar a história dos Lombardos, mas não se detém apenas nessa especificidade, pois acaba por trabalhar com temas mais distantes. Ao longo deste capítulo nos deparamos com a referência à figura do Papa Pelágio (não como protagonista, mas como delimitador temporal), a história dos Lombardos (real foco do capítulo, ao analisarmos sua construção), ao papel do monge Beda, o venerável, na Inglaterra, bem como um trecho sobre “Os Reis Francos e a ‘Crônica dos Imperadores’”³³, mas o tema tratado neste capítulo e base para este trabalho é o Islamismo.

Em função desta diversidade de abordagens temos a possibilidade do desenvolvimento de diversas pesquisas sobre um mesmo documento, mas com a capacidade de serem múltiplas em sua formulação. O Capítulo de São Pelágio, Papa é a chance de termos o contato com o período de Jacopo de Varazze e a sua formação, sendo esta a proposta desde o princípio do texto, onde encontramos a definição de que não falaremos de um Santo, mas sim de um povo, sendo dito que “foi no tempo do primeiro Pelágio que os Lombardos vieram para a Itália, e como é provável que muita gente ignore sua história, decidi inseri-la aqui conforme contam diversas crônicas”³⁴.

Desta forma temos uma primeira possibilidade de abordagem sobre o capítulo, seu uso para a construção e análise da história Lombarda e seu desenvolvimento na região Norte da atual Itália. Porém ao pesquisarmos no banco de periódicos da CAPES poucos são os resultados: para “História Lombarda – Legenda Áurea” temos apenas um artigo (em inglês), quando ampliamos a procura para “História Lombarda” encontramos 163 resultados (sendo que alguns não pertencem ao campo da historiografia) e, por fim, ao pesquisarmos por “Legenda Áurea e a Lombardia” temos 08 resultados, e todos referentes ao campo do estudo histórico³⁵.

Desta forma podemos refletir que o uso da *Legenda Áurea* para os estudos referentes à História dos Lombardos não possui um grande número de trabalhos, sendo um campo reduzido sobre o que mais está presente na obra, seja pela localização do autor ou pela importância do tema no Capítulo de São Pelágio. Apesar de este tema ser fundamental para a história da formação do território italiano, principalmente da região

³³ TEIXEIRA, I.S. *A Legenda Áurea de Jacopo de Varazze...*op. cit. p. 105

³⁴ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1003.

³⁵ As pesquisas feitas ao banco de dados da CAPES foram realizadas no dia 25 de julho de 2017, entre às 17:00 e às 21:00.

nortenha e ter boa presença na obra da Jacopo de Varazze não é o selecionado para este trabalho, apesar de termos poucas pesquisas sobre ele.

Quando procuramos por trabalhos referentes à presença do referencial inglês na *Legenda Áurea*, temos um número ainda menor de trabalhos, para a pesquisa de “Monge Beda” temos 35 resultados, ao adicionarmos o título de “venerável” a pesquisa os resultados baixam para o número de sete. Quando associamos a *Legenda Áurea* a esta pesquisa encontramos apenas um resultado, de forma que podemos expressar a pouca visibilidade deste capítulo no desenvolvimento de pesquisas³⁶.

Ao pesquisarmos por “Reis Francos na Legenda Áurea” tivemos seis resultados e ao alterarmos a pesquisa para o título de “Imperador” encontramos dois resultados, enquanto que a pesquisa por “Poder Temporal na Legenda Áurea” apresentou sete trabalhos. Desta forma podemos averiguar que a questão do poder temporal não é um grande foco de pesquisa no que se refere à *Legenda Áurea*.

Antes de apresentarmos os dados referentes às pesquisas feitas sobre a presença do Islamismo na *Legenda áurea*, que serão o foco dos próximos capítulos, analisaremos um último bloco de estudos para apresentar: a diferença da escrita do Capítulo de São Pelágio em comparação com os relatos puramente hagiográficos. Ao procurarmos por “Legenda Áurea como crônica” obtemos 29 resultados, enquanto que ao substituímos a obra pelo capítulo (“São Pelágio, Papa”) encontramos dois artigos, desta forma podemos refletir que uma das principais discussões sobre este capítulo não possui um amplo campo de estudos.

Por último apresentamos os dados sobre as pesquisas sobre o Islamismo na *Legenda Áurea* (baseado no Capítulo de São Pelágio, Papa), pois esta será a questão central deste trabalho. Quando realizamos a pesquisa sob o título de “Islamismo na Legenda Áurea” não encontramos nenhum resultado e ao especificarmos o capítulo da obra com que vamos trabalhar encontramos dois trabalhos vinculados ao campo da geografia. Ao procurarmos “Islamismo na Idade Média” temos o número de 83 trabalhos e ao restringirmos a Itália o número deles decai para 26 produções.

Desta forma podemos visualizar que a *Legenda Áurea* apesar de despertar um grande interesse para o estudo da vida dos Santos e questões quanto a estudos de casos

³⁶ O resultado de nossa busca por “Beda, o Venerável na *Legenda áurea*” é o trabalho desenvolvido por Dominique Santos e Leonardo Alves, intitulado como “Peregrinatio et Penitentia no livro I da Vita Columbae de Adomnán (século VII)”, publicado em 2015 na revista *Brathair*, v. 15. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/1048>.

específicos (questões de gênero e comparações) acaba por não ser muito utilizada para trabalhos envolvidos com capítulos específicos, como o desenvolvido por Rayssa Gonçalves Cerqueira, em sua dissertação sobre o Capítulo de São Pelágio³⁷, ou com uma temática fechada em um assunto específico inserido em um capítulo, aqui, o islã.

Queremos, portanto, trabalhar o Islamismo na *Legenda Áurea* com o intuito de explorarmos um objeto não explorado. Acreditamos, ainda, contribuir para a quebra de ideias pejorativas sobre o islã. Neste sentido, este trabalho também é sobre a construção histórica de preconceitos. Desta forma, analisamos um documento cristão do final século XIII, que aborda, em algumas passagens, outra religião monoteísta, sobre a qual, ainda hoje, há forte conteúdo estereotipado. Como Bernard Lewis afirma:

“Dois estereótipos dominam a maior parte do que se tem escrito sobre a tolerância e a intolerância no mundo islâmico. O primeiro retrata um guerreiro fanático, um cavaleiro árabe que emerge do deserto brandindo a espada numa mão e o Corão na outra, oferecendo a suas vítimas a opção entre os dois. [...] A outra imagem, quase tão absurda quanto essa, representa uma utopia inter-racial e inter-religiosa, em que homens e mulheres pertencentes a diferentes raças, professando diferentes credos, viviam lado a lado numa idade de ouro de ininterrupta harmonia, desfrutando de igualdade de direitos e oportunidades, e labutando juntos pelo progresso da civilização”³⁸.

Estas palavras trazem a reflexão sobre uma representação do Islamismo como algo fechado, como sendo uma coisa ou outra e isso contribui para apropriações indevidas desta religião. A escrita da *Legenda Áurea* aconteceu no final do século XIII e está permeada por uma representação na qual o Islã é um dos inimigos a serem enfrentados pelos cristãos. É importante observar que Jacopo de Varazze também aborda questões relacionadas ao universo religioso e cultural do judaísmo na *Legenda Áurea* e essa perspectiva "bélica", embora com outros termos, também é encontrada.

Compreender a religião islâmica é de suma importância para avaliarmos os usos do passado e de informações que circulavam sobre o islã, desde seu surgimento até o século XIII, quando a *Legenda Áurea* foi elaborada. Isso é importante porque na cultura muçulmana pode-se encontrar grande contraponto à hegemonia cristã. Isso pode ser afirmado pelo amplo crescimento e expansão do islã desde sua origem. Jean Vernet caracteriza o islã da seguinte forma:

³⁷ CERQUEIRA, R. G. "Os adversários dos santos na Legenda Aurea de Iacopo de Varazze (c.1290)". Campinas: UNICAMP, 2017. Dissertação de Mestrado em História – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade de Campinas, Campinas, 2017.

³⁸ LEWIS, B. *Judeus do Islã*. Rio de Janeiro: Xenon, 1990. p. 11.

“Diferentemente de outros credos, teve uma expansão muito rápida, e um século depois da morte do seu Profeta, Maomé, os fiéis do islã já se encontravam em grande parte do Antigo Continente, do Saara e dos Pirineus às planícies da Ásia Central e ao Índico. [...] Depois do primeiro século de existência, a nova religião continuou avançando mais lentamente e com outros missionários, mas sempre de modo firme e seguro, de tal modo que na época da ‘explosão’ árabe do século I da hégira/VII d.C., os Estados atualmente com maior número de muçulmanos (Indonésia e Paquistão) tinham sido apenas tocados de leve. Os lugares alcançados pela maré dessa religião – com exceção da península Ibérica, da Palestina dos cruzados e, talvez, do atual Israel – jamais conheceram o refluxo”³⁹.

Ao percebermos a expansão do Islã desde seus primórdios podemos compreender a força que essa religião possuía e pensar nos possíveis temores que isso podia provocar nas pretensões “hegemônicas”, ou “universais”, da Igreja Católica no mesmo período. Este princípio caracteriza uma hipótese deste trabalho, qual seja: a rápida expansão do islã, em confronto com a pretensão hegemônica/universalista do cristianismo gerou motivações para uma escrita pejorativa sobre o Islamismo, numa tentativa de demonstrar o quão errada esta crença estaria e dos perigos nela contidos.

Ao optarmos por esta abordagem temos a possibilidade de entrarmos em uma área de estudos pouco explorada, considerando o pequeno número de estudos que se utilizam da *Legenda Áurea*, para compreender, nesta obra, a percepção cristã sobre o Islã no final do século XIII. Ao propormos a realização do presente estudo queremos avaliar possíveis motivações que fizeram com que Jacopo de Varazze caracterizasse o Islã da forma como fez na obra. O tipo de caracterização a que referimos é em atribuições como a da passagem seguinte:

“No tempo de Bonifácio IV, depois da morte de Focas e reinado de Heráclio, por volta do ano do Senhor de 610, o falso profeta e mago Maomé seduziu os agarenos ou ismaelitas, isto é, sarracenos, da seguinte maneira, segundo o que se lê em sua história e em uma crônica^{40,41}.

Deste pequeno trecho da *Legenda áurea*, podemos avaliar que a representação da religião islâmica é feita de forma negativa. Acreditamos que o autor de nossa fonte não conhecia, de fato, a cultura e tradição islâmica, construindo sua narrativa a partir do

³⁹ VERNET, J. *As origens do Islã*. São Paulo: Globo, 2004. p. 11 e 12.

⁴⁰ “Aquilo que Jacopo chama de “sua [de Maomé] história” é o próprio *Alcorão*, que havia sido traduzido para o latim em 1141, por ordem do abade de Cluny, Pedro, o Venerável, que escreveu uma introdução a ele; A crônica sobre os sarracenos a que se refere Jacopo parece ter sido (pelo que propõe Stefano Mula, citado na nota 2 deste capítulo, p. 85) o *Diálogo* de Pedro Afonso.”. *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1007.

⁴¹ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1007.

que era ouvido e falado (como que a partir de uma história oral) sobre esta cultura distante e que ameaçava a hegemonia cristã.

Um dos poucos trabalhos encontrados que versam sobre a presença do Islamismo no “Capítulo de São Pelágio, Papa” é de autoria de Óscar de la Cruz Palma, oriundo da Universidade Autònoma de Barcelona e intitulado como “*La Vita Magumethi de Voragine – Iacobus a Voragine (Jacopo da Varazze) c. 1226-1298*”. Este trabalho será utilizado nos momentos em que a comparação e análise de determinados trechos do documento forem necessários. Porém, a importância do uso deste trabalho pode ser determinada pelo seguinte trecho do texto:

“A partir de la localización de las fuentes que há utilizado Voragine, se pueden deducir conclusiones que van más allá de la composición del texto y que trascienden a la reflexión sobre la percepción del Islam em la Europa medieval. Al ser um texto tan enormemente difundido, Voragine consegue divulgar uma información sobre el Islam basada em uma información bastante desigual, sea de origen autenticamente árabe-islámico, sea sobre prejuicios tradicionales, sea sobre leyendas medievales conformadas en la época de la primera cruzada. Los comentarios que acompañan a la localización de las fuentes ponen de relieve la naturaliza de tales informaciones, algunas de ellas, como se verá, claramente falaces”⁴².

Baseado nas palavras do pesquisador, podemos avaliar que uma de nossas primeiras interpretações para a representação construída por Jacopo de Varazze sobre a religião Islâmica está correta, ao inferirmos que boa parte do texto do Capítulo de São Pelágio, Papa se apresenta como um texto carregado com uma visão que critica a cultura e religião islâmica, construção esta, que fazia parte do imaginário cristão, não diferindo de outros documentos do período. A importância de refletirmos sobre a construção feita por Jacopo de Varazze sobre esta imagem do Islamismo deve ser a de demonstrarmos as motivações para tal construção, bem como analisarmos as consequências desta escrita, no que se refere ao desenvolvimento de um imaginário sobre este “inimigo monstruoso”. Neste momento devemos lembrar que Jacopo de Varazze

“Se dedicou a uma obra que poremos considerar enciclopédia, cujo título mais antigo é *Legendae sanctorum*, mais conhecida para nós como *Legenda Áurea*, que reúne pequenas biografias de cerca de 180 santos, venerados segundo o ciclo do ano litúrgico. Este compêndio hagiográfico pode, sem

⁴² PALMA, Ó de la C. “*La Vita Magumethi de Voragine – Iacobus a Voragine (Jacopo da Varazze) c. 1226-1298*”; Revista *Mirandum* 19, Universidade do Porto, 2008. P. 05.

exagero, ser considerado a obra de maior circulação, a mais lida, a mais copiada, a mais traduzida da Idade Média, depois da Bíblia, obviamente”⁴³.

Desta forma, a obra de Jacopo de Varazze foi uma das grandes divulgadoras do conhecimento na Idade Média, seja pela divulgação da vida de tantos Santos e Santas, que eram utilizados no momento das pregações em praça pública, tão comuns e importantes na Europa Medieval, e principalmente nas cidades italianas, como podemos perceber através dos trabalhos de Miatello. Desta forma a narrativa sobre um evento e uma cultura que possui em sua formação um caráter de choque com a “cultura dominante”, no caso, a apresentada pela Igreja Católica, deviam ser mostrados na obra como uma cultura errônea e de forma a mostrar os erros de um em contraste com a positividade do outro, no caso, o cristão, principalmente em um momento no qual os Cruzados viam seu movimento encolhendo frente a um novo movimento de crescimento da cultura islâmica. De acordo com Miatello,

“A pregação não é um mero instrumento de divulgação dos ensinamentos doutrinários: ao contrário, durante o medievo latino, a pregação era um importante canal de mediação entre aspectos da vida social os mais diversos, dando coesão e sentido a experiências espirituais e políticas que eram compartilhadas comunitariamente. Tanto quanto a retórica cívica de Brunetto, a pregação esperava edificar a comunidade, cujos fundamentos não eram só religiosos, mas também políticos”⁴⁴.

Ou seja, a pregação de um texto, como o do “Capítulo de São Pelágio, Papa” onde a figura do Islamismo aparece de uma forma tão deteriorada tem a ver com a criação de uma visão política do outro, onde ele se torna o herege, o errado, o inimigo a ser combatido. Este trabalho com uma fonte cristã do século XIII tem como objetivo analisar o passado de um preconceito que hoje ainda está presente em nosso mundo, o preconceito para com o outro é uma realidade em nosso mundo, mas para com o Islamismo sua origem data da Idade Média, pois como afirma Jacopo de Varazze, sobre as palavras do Profeta “aos que não creem em Deus nem em Maomé, eles dizem que está reservado um Inferno de castigos sem fim”⁴⁵. Queremos então compreender as motivações e avaliações feias no passado sobre uma cultura que se colocava como em constante estado de expansão, ameaçando uma força política estabelecida anteriormente, a Igreja Cristã, desta forma as palavras de Jacopo de Varazze

⁴³ MIATELLO, A. L. P. “Cultura letrada, pregação e educação política no século XIII”. In: TEIXEIRA I. e DE ALMEIDA C. Reflexões sobre o Medievo III: práticas e saberes no ocidente medieval II. São Leopoldo: Oikos, 2013. P. 107.

⁴⁴ MIATELLO, A. L. P. op cit. pp. 125.

⁴⁵ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1011.

representavam uma defesa do ideal da verdadeira fé, e fazia com que essa mensagem chegasse ao povo através dos pregadores.

Devemos compreender que um constante estudo sobre as relações entre os grandes centros de poderes na Idade Média (notadamente às fés) deve ser realizado para que possamos avaliar o passado, entendendo as motivações. Esse estudo será benéfico inclusive para questões do campo do ensino, como apresentado no artigo de Igor Teixeira e Nilton Pereira:

“Islã, califado, Carlos Martel e cruzadas para serem compreendidos prescindem de conhecimentos como monoteísmo(s), cristianismo, guerras (justa, santa, cruzada e o controverso e midiático conceito de jihad tão propagado nos meios de comunicação) e, também, o próprio fato de, no período medieval, judeus, cristãos e muçulmanos terem vivenciado momentos de coexistência e “trocas culturais”. Sendo assim, a Idade Média não está necessariamente descolada de um passado usado no presente e, também por este motivo, deveria ter espaço na proposta da BNCC. Ainda assim, a referência ao passado medieval pode reforçar a reprodução de estereótipos sobre o mundo árabe e sobre os muçulmanos (com a constante associação ao terrorismo), além de erros, conforme os indicados por Ana Souza (2005) em sua dissertação de mestrado”⁴⁶.

Desta forma podemos pensar este trabalho como necessário dado sua intenção de questionar um posicionamento histórico que enxerga nos Islamismo uma força do mal, que desagrega e deforma um “padrão”, uma realidade, desta forma este trabalho procura realizar um estudo desta motivação, em um período passado, através de um documento específico (a *Legenda Áurea*) em virtude de conseguirmos explorar uma fonte amplamente conhecida, mas pouco aproveitada no que se refere a nossa proposta. O mundo ocidental, desde o princípio, tem se apresentado com aversão ao Islamismo, e nosso objetivo é mostrar o como isto acontece e as motivações, pois como Karen Armstrong demonstra:

“Nos tempos de Luís IX (que tinha ódio aos muçulmanos e conduziu duas cruzadas contra o mundo islâmico) não eram os muçulmanos e sim os cristãos que achavam impossível coexistir com os demais. Na verdade, pode-se dizer que a amarga história das relações entre muçulmanos e ocidentais talvez tenha começado com um ataque a Maomé na Espanha muçulmana.”⁴⁷

⁴⁶ TEIXEIRA, I. e PEREIRA N. “A Idade Média nos currículos escolares: as controvérsias nos debates sobre a BNCC”. Revista Diálogos, v. 20, n. 03 (2016). p. 24.

⁴⁷ ARMSTRONG, K. *Maomé – Uma Biografia do Profeta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 28.

Assim sendo, a construção da obra de Jacopo de Varazze, como afirma João Guilherme Lisbôa Rangel, está baseada “na eterna luta do bem contra o mal”⁴⁸ e uma destas demonstrações pode ser encontrada neste capítulo final, onde temos um texto que foge do modelo hagiográfico e permite a construção de uma história mais ampla, próxima a um discurso cronístico. Desta forma temos no Islamismo uma encarnação do maior mal externo ao Cristianismo, pois se nas estruturas da Igreja temos aqueles que propõem novas visões, que criticam o modelo que tem sido utilizado pela Instituição e que acabam tendo sua visão afrontada pela pureza das ações dos Santos retratados na hagiografia, no Capítulo de São Pelágio, temos a demonstração de quem seria o inimigo externo, se em um momento os Lombardos o foram, agora o maior perigo para a Igreja era o Islamismo, e é com esta temática que iremos trabalhar.

⁴⁸ RANGEL, J. G. L. “A análise do conceito de martírio nas obras de Jacopo de Varazze e do Frei João Álvares”; Laboratório Interdisciplinar de Teoria da História, Antiguidade e Medievo da UFRJ. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/praticas-discursivas/artigos/analise.pdf>

O ISLÃ EM SÃO PELÁGIO, PAPA

A religião islâmica é introduzida no capítulo de São Pelágio, Papa, após a apresentação do avanço lombardo pelos territórios italianos. O trecho anterior à escrita sobre o Islã enquadra o encerramento da história sobre a origem dos Lombardos, e da sucessão de seus reis em contato com a Igreja, sendo encerrado no ano de 610, mesmo ano em que a religião Islâmica tem como data oficial de seu princípio:

“Falecido Gregório. Sucedeu-lhe Sabino, a Sabino Bonifácio III, a Bonifácio III Bonifácio IV, a pedido de quem o imperador Focas por volta do Senhor de 610 doou o Panteão à Igreja de Cristo, e anteriormente, atendendo pedido de Bonifácio III, decretara que a cabeça de todas as Igrejas era a sé de Roma e não a de Constantinopla, que se intitulava a primeira de todas”¹.

Ao apresentarmos esta citação procuramos demonstrar qual foi o período da formação do Islamismo a partir da perspectiva cristã, ou seja, se em 610 o islã surgia como uma nova religião, com origens similares as demais fés monoteístas, porém com um crescimento maior e mais rápido que suas correspondentes, neste sentido qual era o momento vivido pela Igreja Cristã nos primeiros tempos do Islamismo? Era seu primeiro momento de sobreposição aos demais poderes do medievo, após as crises, perseguições e as definições da fé correta, contexto totalmente diferente do período de escrita da *Legenda Áurea*, de Jacopo de Varazze.

Trezentos anos antes da formação da religião islâmica o Cristianismo ainda era considerado clandestino e perseguido, sendo que apenas em 313, no Império de Constantino I, através do Édito de Milão deixou de ser uma religião proibida e perseguida, tornando-se uma das crenças oficiais do Império. Apenas em 380, com Teodósio I, no Édito de Tessalônica, o Cristianismo passou a ser a religião oficial do Império, enquanto as outras crenças forma proibidas e, tal medida foi controlada através de uma ampla perseguição conduzida pelo Império, no primeiro momento em que foi dado ao Cristianismo um amplo poder.

Como Jacopo de Varazze apresenta em sua escrita, o Cristianismo estava se firmando, combatendo heresias e solidificando seu poder, como é afirmado, houve a luta contra o arianismo :

¹ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1007

“Conforme Sigberto em sua crônica, algum tempo antes, isto é, por volta do ano do Senhor de 450, a heresia de Ário estava se difundindo nas Gálias, mas a unidade de substância das três pessoas foi demonstrada por um notável milagre”².

Bem como, contra o Nestorianismo³, tido na *Legenda Áurea* como uma possibilidade de fonte para Maomé formar o Islamismo:

“No entanto, lê-se em outro lugar que quem instruía Maomé era um monge chamado Sérgio, que tendo sido expulso de seu mosteiro por ter aderido ao erro de Nestório, foi para a Arábia e ligou-se a Maomé”⁴.

Desta forma o século anterior ao surgimento do islã, entre os anos de 500 e 600 depois de Cristo, foi o primeiro momento em que o Cristianismo encontrava-se definido, tendo superado heresias e ampliando seu poder como instituição. Pode-se afirmar que um dos principais fatos deste momento de afirmação da religião cristã foi o fortalecimento do poder papal, frente a outros poderes do período medieval, bem como sua sobreposição aos detentores dos domínios seculares.

O único trabalho encontrado sobre o Islamismo em São Pelágio é de autoria de Óscar de la Cruz Palma e nele temos uma possibilidade de análise dos trechos que versam sobre esta religião. Não iremos utilizar a mesma lógica, mas apresentaremos sua concepção com o intuito de compreendermos a vastidão deste tema e suas possibilidades de estudo que são apresentadas em cinco trechos de pesquisa, procurando compreender desde a ascensão de Jacopo de Varazze na Ordem Dominicana, bem como uma reflexão e análise sobre o contexto de origem e ascensão de Maomé como um líder social (e religioso), bem como a expansão do Islã e o como esta é construída, com um foco especial para a questão do paraíso muçulmano.

Através deste resumo dos focos de pesquisa de Óscar Palma podemos compreender que as análises feitas sobre o Islã, no capítulo de São Pelágio, Papa, podem ser amplas e realizadas de forma a buscarem a compreensão da fala de Jacopo de

² *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1004.

³ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1008. “Nestório: bispo de Constantinopla que negava a Maria o título de Mãe de Deus (*Theotokos*), dessa forma quebrando a unidade de Cristo enquanto Deus e homem ao mesmo tempo; Depois de longos debates, tais ideias foram condenadas pelo Concílio de Éfeso, em 431, mas grupos nestorianos levaram-nas para a Pérsia, daí para a Arábia, Índia e China. Ainda hoje existem comunidades cristãs nestorianas no Iraque, Irã e Índia, totalizando cerca de 100 mil pessoas”.

⁴ Op. cit. p. 1008.

Varazze sobre o Islamismo. Nosso objetivo neste trabalho não seguirá o formato de análise utilizado por Óscar de la Cruz Palma, pois o que queremos trabalhar aqui é com a representação dos muçulmanos feita pelo autor da *Legenda áurea*.

A representação do islã começa com uma descrição dessa religião em São Pelágio, Papa; com a caracterização do tempo de sua formação, baseando-se em uma cronologia cristã, com a presença do Papa que estava à frente da Igreja, bem como com os detentores do poder secular no Oriente sendo usados como referências. Desta forma a apresentação desta nova fé, que surgia como “uma rival” da fé cristã, é feita a partir de um ponto de vista da “fé correta”, aquela professada por Jacopo de Varazze, e tida como maior detentora do poder medieval, a igreja cristã.

Maomé

Jacopo de Varazze apresenta Maomé como “o falso profeta e mago [que] seduziu os agarenos ou ismaelitas”.⁵ Ou seja, o frade dominicano apresenta uma personagem com um julgamento que explicita o belicismo (bons x maus/ corretos x errados) que caracteriza a representação do islã no capítulo analisado.

Obviamente que essa apresentação do profeta destoa da perspectiva acadêmica contemporânea. Hurlbut assim caracteriza Maomé:

“O fundador da religião maometana foi Maomé, nascido em Meca, Arábia, no ano 570⁶. Iniciou sua carreira como profeta e reformador no ano de 610, aos quarenta anos de idade. No início, o movimento começado por Maomé conquistou poucos discípulos, porém o suficiente para sofrer perseguições. Maomé fugiu da cidade de Meca em 622 e sua fuga, a Hégira, fornece a data em que se baseia o calendário maometano. Profeta Maomé alcançou pleno êxito na conquista das tribos árabes impondo-lhes a sua religião. Voltou à cidade de Meca como conquistador. Quando morreu, no ano de 632, Maomé era profeta e governador reconhecido por toda a Arábia”⁷.

Desta forma como primeira questão temos a afirmação da figura de Maomé. Diferentemente de ser apresentado como os demais personagens no capítulo analisado,

⁵ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1007.

⁶ A data de nascimento de Maomé não é confirmada, logo esta é uma aproximação.

⁷ HURLBUT, J. L. *História da Igreja Cristã*; São Paulo: Editora Vida, 2002. p. 133/34.

como um homem, com uma data de nascimento e de falecimento, ou período no qual esteve à frente da comunidade árabe na qual se formaria a comunidade muçulmana, Jacopo de Varazze, além de apresentar como "falso profeta", desconsiderou a resistência inicial pela qual passou o profeta⁸.

A compreensão de quem é Maomé é fundamental para que possamos compreender a construção feita por Jacopo de Varazze. A pequena descrição feita da figura de Maomé, pelo autor deste documento, trabalha com o personagem fundador do Islamismo, mas evita o personagem humano, e é desta forma como ele também acaba por descrever as leis islâmicas apresentadas por Maomé:

“Ao redigir suas próprias leis, Maomé falsamente pretendia tê-las recebido do Espírito Santo, sob a aparência de uma pomba que frequentemente voava sobre ele à vista do povo. Nessas leis ele inseriu alguns relatos dos dois Testamentos, pois como anteriormente exercera o ofício de comerciante, passando com seus camelos pelo Egito e pela Palestina, teve frequentes relações com cristãos e judeus e conheceu tanto o Novo quanto o Antigo Testamento. Daí por que, da mesma forma que os judeus, os sarracenos observam o rito da circuncisão e não comem carne de porco. Para justificar essa proibição, Maomé disse que depois do Dilúvio o porco foi procriado do excremento do camelo e que por isso um povo puro devia abster-se de um animal impuro”⁹.

Jacopo de Varazze apresenta a construção do Islamismo feita por Maomé como algo falso, baseada em coisas que o Profeta teria ouvido e estaria apenas reproduzindo com o intuito de através de “falsas palavras” buscar apoio entre os árabes e ganhar poder e prestígio. Em um primeiro momento o movimento realizado por Jacopo de Varazze é o de aproximar o islã da mesma base do Judaísmo, de maneira a mostrar como Maomé procurou desde os aspectos mais simples aos mais complexos copiar uma crença mais antiga. A utilização de uma fé mais antiga teria como objetivo uma facilitação na condução da população de acordo com seus interesses, desta forma, podemos observar os usos do Judaísmo como uma das bases para a construção da religião defendida por Maomé.

Porém a comparação de Jacopo de Varazze não está restrita ao Judaísmo. Ao afirmar que Maomé teria se apossado de conhecimentos presentes no Novo e Antigo

⁸ Maomé antes de se tornar um profeta foi um politeísta da Arábia, um comerciante. A partir do momento que teve contato e buscou dar início a religião Islâmica, Maomé não encontrou um caminho fácil, foi perseguido e agredido e isso nos traz a reflexão de que se Maomé fosse um “falso profeta e mago” ele não teria tido essa resistência inicial, ele de imediato teria influenciado o povo árabe a ingressar nesta nova fé.

⁹ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1007.

Testamento ele está afirmando que diretamente o islã é uma reinterpretação das palavras, ideias e vontades de Cristo. Desta forma neste trecho temos uma representação do Islamismo que, apesar de ter algumas similaridades com o Judaísmo, seria uma “reescrita” da religião cristã:

“Com os cristãos, eles concordam na crença em um só Deus onipotente e criador de todas as coisas. Misturando o verdadeiro com o falso, aquele pseudopofeta afirmou que Moisés foi um grande profeta, mas que Cristo é maior, é o primeiro dos profetas, nascido da Virgem Maria pela virtude de Deus e sem sêmen humano. Ele diz também em seu Alcorão que quando Cristo era criança criou pássaros do limo da terra¹⁰, mas a tudo isso ele misturou veneno, dizendo que Cristo não foi realmente martirizado e não ressuscitou de verdade, que foi outro homem, parecido com ele, que sofreu a Paixão”¹¹.

Desta forma temos na formação da religião islâmica uma incorporação das religiões monoteístas que a precederam, de acordo com Jacopo de Varazze. Ou seja, a formação do Islamismo não estaria presente em uma verdadeira iluminação do Profeta, ela estaria baseada em um conhecimento básico das religiões monoteístas e, principalmente, seria uma grosseira reinterpretação da religião cristã, em virtude da compreensão que Maomé e seus seguidores possuíam das palavras oriundas do Cristianismo, e de Cristo, onde ele seria apenas mais um Profeta, um grande profeta, porém, apenas isso.

Para Jacopo de Varazze, Maomé era um homem sedento por poder, mas doente. Após apresentar a formação de sua religião, temos a apresentação da esposa do Profeta (Khadidja), que sofreu a mesma enganação que os povos árabes que começaram a seguir a nova fé:

“Mais tarde Maomé teve frequentes ataques de epilepsia, e Khadidja ficava muito triste por ter desposado um homem tão impuro e epilético. Para agradar sua mulher, Maomé dizia ‘Contemplo o arcanjo Gabriel, que frequentemente conversa comigo, e por que não posso suportar o brilho de seu rosto desmaio e tenho convulsões’. Sua mulher e os outros acreditavam nisso”¹².

A ideia de que Maomé seria uma pessoa impura é utilizada por Jacopo de Varazze com o objetivo de diminuir a história da formação de uma religião que cresceu, se expandiu e tornou-se a grande rival do Cristianismo. Parte da estratégia de Jacopo de

¹⁰ *Alcorão* (tradução Samir el Hayek, São Paulo, Tangará, 1975).

¹¹ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1008.

¹² *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1008.

Varazze pode ser percebida no início da passagem seguinte, quando associa Islã e culto à deusa Vênus:

“Toda a nação árabe, assim como Maomé, adorava Vênus como deusa e essa é a origem do grande respeito dos sarracenos pela sexta-feira, como os judeus guardam o sábado e os cristãos o domingo. Tendo se tornado dono das riquezas de Khadidja, Maomé chegou a pensar em usurpar o reino dos árabes, mas como previa não poderia ter êxito pela violência porque era desprezado por sua tribo, fingiu ser profeta a fim de atrair por uma santidade simulada os que não podia subjugar pela força. Ele seguia os conselhos do mencionado Sérgio, a quem prudentemente mantinha escondido, perguntando-lhe tudo que devia transmitir ao povo e dando-lhe o nome do arcanjo Gabriel. Foi assim que Maomé, fazendo-se passar por profeta, conseguiu ser o chefe de toda aquela gente, que acreditava nele fosse de bom grado fosse por medo. Este relato é mais verídico do que aquele que fala da pomba, e é o que deve se seguir.”¹³.

A construção feita por Jacopo de Varazze sobre a formação do Islamismo apresenta o povo que teria sido ludibriado em sua ingenuidade e abraçado uma fé que seria incorreta, pela falsidade de seu profeta e pela apropriação indevida e incorreta de tradições monoteístas anteriores. Porém, a forma que o autor encontra para realizar esta representação é através da apresentação das similaridades entre o islã e as outras duas crenças monoteístas, principalmente o Cristianismo, deixando a possibilidade de interpretarmos a sua construção da figura do Profeta como a de um líder herege, que tal como Ário e Nestório, teria deturpado a verdadeira fé, e no caso de Maomé, formando uma nova religião, o Islamismo.

Desta forma compreendemos que a escrita deste trecho do referido capítulo teria como função apresentar o Islamismo como aquele inimigo distante que não é tão diferente do "eu" (mundo cristão do autor). A construção da escrita de Jacopo de Varazze aproxima-se muito mais a uma crítica a figura de Maomé, como já conseguimos notar, através das citações, do que uma voltada a religião Islâmica, acreditamos que isso ocorra em virtude da tentativa de representação, primordial, do líder herege, que teria seguido e conduzido seu povo pelo caminho errado.

Pilares do Islã e a estratégia simplificadora de Jacopo de Varazze

¹³ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1009.

As palavras de Jacopo de Varazze podem ser lidas e interpretadas à luz da estratégia de depreciação do islã. Porém, é importante notar que compreender os elementos usados pelo dominicano nesta estratégia é fruto das leituras e análises contemporâneas sobre Maomé e sua religião. Podemos trazer uma análise sobre o como as comunidades muçulmanas enxergavam a construção de sua cultura:

“Se uma imagem de Maomé foi elaborada e transmitida aos poucos, de uma geração para outra, o mesmo se deu com a comunidade por ele fundada. Segundo o retrato de épocas posteriores, era uma comunidade que reverenciava o Profeta e cultuava sua memória, tentando seguir os seus passos e empenhar-se no caminho do Islã para o serviço de Deus. Manteve unida graças aos rituais básicos de devoção, todos de aspecto comunal: os muçulmanos iam em peregrinação ao mesmo tempo, jejuavam por todo um mesmo mês e reuniam-se na prece regular, atividade que os distinguiu mais nitidamente do resto do mundo”¹⁴

Esta cultura é o que não está presente nos escritos de Jacopo de Varazze. Neste aspecto, acreditamos que o longo histórico de conflitos (bélicos) entre as duas religiões (e suas respectivas culturas religiosas) é um dos elementos motivadores para a representação de Maomé citada anteriormente, focada no que o dominicano julgou serem os erros e falsidades de uma fé, apresentada como heresia e seu “falso profeta”. A análise do autor sobre a figura de Maomé busca apresentar a cultura muçulmana como faltosa desde sua origem, tendo em vista que os desvios que o Islamismo teve em sua formação tornariam essa religião em uma má reprodução dos ideais e dos dogmas cristãos.

Jacopo de Varazze na parte final de seu texto procura realizar uma apresentação com os principais ensinamentos e pilares do islã, com o objetivo de caracterizar os erros e vícios da fé. A construção proposta pelo autor em diversos momentos desta etapa do texto baseia-se em uma comparação com traços da religião cristã e, dessa forma, podemos perceber, novamente, a forma como Jacopo de Varazze representa o Islã como um erro originado da verdadeira fé, a cristã.

Jacopo de Varazze acaba por apresentar a religião Islâmica a partir da formação das leis religiosas oriundas das palavras de Maomé:

“Maomé promulgou grande número de leis que lhe foram ensinadas por Sérgio, que as encontrará na lei mosaica. Assim, os sarracenos lavam-se com frequência, principalmente antes de orar, quando limpam suas partes secretas,

¹⁴ HOURANI, A. *Uma História Dos Povos Árabes*. São Paulo, Cia das Letras, 2006. p.36.

as mãos, os braços, o rosto, a boca e todos os membros do corpo, a fim de poderem fazer a prece com mais pureza”¹⁵.

Em seguida, Jacopo de Varazze passa a demonstrar qual seria o formato das orações e do modelo do culto dos Islâmicos. No que se refere a ideias são entendidas como pilares do islã:

“Ao orar, confessam um só Deus, que não tem igual semelhante, e reconhecem que Maomé é seu profeta. No ano, jejuam um mês inteiro, e quando jejuam comem apenas durante a noite, jamais de dia, de maneira que desde o instante em que podem distinguir o preto do branco até o pôr do sol, ninguém ousa comer nem beber ou sujar-se tendo relações com mulher. Desde o pôr do sol até o crepúsculo do dia seguinte, é permitido comer, beber e ter comércio com suas mulheres. No entanto os enfermos não estão submetidos a essas restrições. Uma vez por ano eles são obrigados a visitar a casa de Deus que é em Meca, e ali o adorar, andar em volta dela usando roupas sem costuras e jogar pedras entre as pernas para lapidar o diabo. Essa casa pelo que dizem foi construída por Adão, serviu de lugar de prece a todos os filhos dele, bem como a Abraão e a Ismael, e depois foi dada a Maomé e a todos seus seguidores. Eles podem comer toda espécie de carne, menos a de porco, a de animais que não foram mortos por mão humana e sangue”¹⁶.

Nesta citação temos a apresentação de certa concepção da fé islâmica, no sentido de qual seria o caminho seguido pelos muçulmanos a partir do momento em que se definiam como adeptos desta crença e como realizariam sua profissão de fé. A construção destes ensinamentos, neste trecho, demonstra que os conhecimentos sobre o islã são baseados em traços simples, sem um maior aprofundamento, pois, de certa forma, os escritos de Jacopo de Varazze estão vinculados à concepção dos cinco pilares do Islamismo.

Uma síntese contemporânea sobre esses pilares ou “o guia” para a correta profissão de fé islâmica, podemos ser lida na passagem de autoria de Balta:

“El islam impone cinco obligaciones a todo musulmán: - la profesión de fe (chahada o testimonio), que es también e lacto de conversión: ‘Nohay más Dios y Mahoma es el enviado de Dios’, es decir, de Alah; - la oración (salat): (...) debe ser efectuada em cinco momentos de la jornada (alba, mediodía, tarde, ocaso y noche). Acto de alabanza, de adoración y de fidelidade a Dios, debe ser hecho em dirección a La Meca (...) - el ayuno (sawm) es obligatorio para todo musulmán púber durante el mês de Ramadán. Desde la salida hasta la puesta del sol está prohibido al creyente comer, beber, tener relaciones sexuales, fumar; - la peregrinación (hach): el musulmán que tiene la fuerza y los médios para ello, debe, al menos uma vez em su vida, ir a La Meca (...); y

¹⁵ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1010.

¹⁶ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1010.

– la limosna (zakat o sadaga): es un impuesto religioso asignado a los ricos para ser repartido entre los pobres”¹⁷

A partir desta citação, sobre os cinco pilares do islã, é possível compreender a base da religião. Torna-se possível entender parte do funcionamento da crença por seus adeptos. Ao realizarmos uma comparação entre os pilares e a descrição realizada por Jacopo de Varazze sobre os princípios islâmicos, podemos perceber novamente a estratégia de simplificação operada pelo autor cristão em relação aos dogmas e práticas muçulmanas. Tem-se a percepção de que esta apresentação construída por Jacopo de Varazze está vinculada com a forma como ele construiu a história islâmica em seu texto, através do relato de guerreiros que poderiam deixar de perceber pontos cruciais da cultura que se encontrava em posição de inimiga.

No trecho em que o autor se refere à religião islâmica, quanto a sua construção de fé, temos a presença de apenas duas ações necessárias a todos os muçulmanos: a profissão de fé e a realização do jejum no Ramadã. Assim, acreditamos ser possível que a estratégia de Jacopo de Varazze fosse baseada no que chamamos de simplificação/redução, sem adentrar em questões mais específicas da religião, tais como a necessidade de cinco orações diárias, o *Zakat* (a doação quando há condições) etc.

Quando Jacopo de Varazze dirige sua escrita para a questão do matrimônio e das relações entre homem e mulher podemos perceber novamente esta estratégia:

“Eles podem ter quatro mulheres legítimas ao mesmo tempo e repudiar e retomar cada uma delas até três vezes. Eles podem ter quantas escravas quiserem, sendo permitido vende-las à vontade, a menos que estejam grávidas deles. Também podem escolher esposas em sua própria família, a fim de que esta cresça e se estreitem os laços de amizade dentro dela. Quando reclamam a posse de um bem, basta que o demandante prove por testemunhas e o acusado afirme sua inocência por juramento. Os adúlteros são apedrejados e os fornicadores condenados a receber oitenta açoites. No entanto, Maomé pretendia que o Senhor lhe permitira, por intermédio do anjo Gabriel, aproximar-se das mulheres dos outros a fim de gerar homens virtuosos e profetas”¹⁸.

Podemos perceber que a escrita deste trecho está centrada em uma crítica à possibilidade de o casamento acontecer com mais de uma pessoa (no caso, de um homem casar com mais de uma mulher, se tiver condições de sustentar sua outra casa, da mesma forma que a primeira). Jacopo de Varazze está centrando sua análise numa

¹⁷ BALTA, P. *Islam – Civilización y sociedades*. Barcelona: Siglo Vientiuno de España Editores S. A.2006. p. 11.

¹⁸ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1010.

crítica a essa ideia de poligamia, presente na religião islâmica, ainda que regulamentada, e que difere diretamente da interpretação que o Cristianismo procura apresentar para as relações matrimoniais.

Ao mesmo tempo em que temos uma análise das questões vinculadas à questão matrimonial, temos neste parágrafo a questão de posse e punição para aqueles que não respeitem os bens, e a pertença deste, de forma que também tornam a religião como uma ferramenta para reger a sociedade. Ao longo deste trecho final temos uma nova crítica à figura de Maomé, algo recorrente no texto da *Legenda áurea*. Jacopo de Varazze associa a permissão para a poligamia a um desejo íntimo de Maomé: ter posse das mulheres - livres e escravas - de outros homens para que dessa forma conseguisse espalhar sua prole e gerar um maior número de descendentes que pudessem seguir com sua linhagem e serem exemplos quanto à virtude, tornando-se profetas da verdadeira fé, no caso, o Islamismo.

Jacopo de Varazze traz como exemplo desta sua representação de Maomé, no que se refere a sua busca por mais descendentes diretos de sua linhagem, o seguinte parágrafo:

“Um de seus escravos proibira sua bela mulher de falar com seu senhor, e quando a encontrou conversando com ele repudiou-a no mesmo instante. Maomé incluiu-a entre suas mulheres, e com medo dos murmúrios do povo produziu um documento que disse ter sido trazido do Céu e pelo qual era declarado que quando alguém repudiava uma mulher esta seria a esposa de quem a tivesse recolhido, observância que ainda hoje é lei entre os sarracenos. O ladrão surpreendido uma primeira e uma segunda vez é espancado, na terceira tem a mão cortada, na quarta cortam-lhe o pé. Eles devem sempre se abster de vinho”¹⁹.

Aqui Jacopo de Varazze demonstra como a formulação das leis islâmicas estava condicionada com os interesses próprios de Maomé, de forma que temos a concepção de que a possibilidade de mais de uma esposa ser permitida tinha o intuito de satisfazer as vontades do Profeta. O uso que o autor realiza da construção do líder do Islamismo é pautada por preconceitos e por uma visão errônea desta fé, sendo que sua construção acaba por ser uma porta para vícios que ainda hoje estão presentes quando analisamos os muçulmanos, ou seja, essa má representação segue com força até nossos dias, mais de 700 anos depois da escrita da *Legenda Áurea*.

¹⁹ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1010.

Ao mesmo tempo neste trecho podemos marcar uma característica presente no texto de Jacopo de Varazze: a alternância de assuntos. Após narrar à necessidade de Maomé modificar a fé, incluindo a permissão de mais de um casamento, o dominicano volta-se à questão de como eram as punições feitas aos ladrões, bem como o costume islâmico de evitar as bebidas alcoólicas. O autor acaba por demonstrar uma necessidade de construir a religião muçulmana como violenta, rudimentar.

Como último trecho do parágrafo, temos a questão do vinho. Pois enquanto que no Cristianismo o vinho, após consagrado, representa o sangue de Cristo, para o islã a ingestão de álcool é um pecado, pois torna o corpo impuro, entorpece a mente. Neste aspecto, podemos inferir que, para um cristão, a ausência do vinho seria mais uma prova das heresias existentes no Islamismo.

Jacopo de Varazze apresenta no trecho final de seu texto a concepção do Paraíso para os muçulmanos:

“A quem observa estes e outros mandamentos, Deus prometeu o Paraíso, isto é, um jardim de delícias irrigado por água corrente, no qual terão lugar eterno sem serem afligidos nem pelo calor nem pelo frio, onde terão todo tipo de alimento. Ali encontrarão no mesmo instante à sua frente tudo que pedirem, serão revestidos de trajes de seda de todas as cores, serão unidos a virgens de admirável beleza, terão à mesa todas as delícias. Anjos passeiam por ali servindo cálices de ouro e prata, os de ouro com leite, os de prata com vinho, dizendo: ‘Comam e bebam com alegria’. Maomé afirma que no Paraíso há três rios, de leite, de mel e de um delicioso vinho aromatizado, que ali se veem anjos belíssimos e tão grandes que de um olho ao outro de um anjo há o espaço de um dia de caminhada”²⁰.

Desta forma podemos compreender que o ideal de Paraíso para o muçulmano, na percepção de um frade dominicano e arcebispo, era o de um lugar degenerado, pois enquanto que no Cristianismo o pudor era algo de grande valor, para os muçulmanos os prazeres da vida eram mais possíveis do que para a cultura do Ocidente Medieval. A construção do Paraíso é apresentada como alternativa a enunciada na fé cristã, desta forma, como este texto teria sua principal via de propagação na oralidade, podemos vincular este Paraíso à construção da figura de Maomé, ou seja, o Profeta construiria um Reino final vinculado aos prazeres do homem, fugindo da ótica apresentada pela religião cristã ao abordar o Paraíso.

Na sequência é possível ler também como Jacopo de Varazze representa o Inferno para os muçulmanos:

²⁰ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1011.

“Aos que não creem em Deus nem em Maomé, eles dizem que está reservado um Inferno de castigos sem fim. Quaisquer que sejam os pecados que um homem tenha cometido, se no dia de sua morte acreditar em Deus e em Maomé, no dia do Juízo será salvo por intercessão de Maomé. Os sarracenos, que estão mergulhados nas trevas, afirmam que esse pseudoprofeta possui espírito profético superior ao de todos os outros e que teve anjos a ajuda-lo e protege-lo”²¹.

Ou seja, a salvação para os indivíduos e as portas para o Paraíso estavam vinculadas a uma única questão, acreditar em Deus, e conseqüentemente nas palavras proferidas por Maomé. Desta forma temos na religião islâmica uma facilitadora no acesso ao Paraíso, pois basta acreditar, e isto em muito difere da crença cristã.

Temos na construção feita por Jacopo de Varazze, ao longo deste texto, uma apresentação simplificadora tanto de Maomé, como "falso profeta", quanto do islã, como a religião. Representados como deturpações do cristianismo, seja pelas palavras do profeta, seja pelos pilares. Da mesma forma, a representação tanto do Paraíso, quanto do Inferno, remete à ideia de falsidade por não seguirem a “fé original e correta” que seria o Cristianismo.

Como trecho final temos do texto temos o seguinte conteúdo:

“Acrescentam que antes de criar o Céu e a Terra, Deus tinha em mente o nome de Maomé e que se Maomé não viesse ao mundo no futuro não teria havido Céu, nem Terra, nem Paraíso. Eles mentem dizendo que a lua foi encontra-lo, que ele a recebeu em seu seio e a cortou em dois e em seguida juntou as partes. Pretendem ainda que foi servida carne de cordeiro envenenada a Maomé, e que o cordeiro falou: “Tenha cuidado, não me coma, tenho veneno” No entanto, vários anos depois ele morreu envenenado”²².

Jacopo de Varazze encerra a referência ao islã, no capítulo de São Pelágio, Papa, ao apresentar a morte de Maomé da mesma forma como trabalhado ao longo do texto. O Profeta é apresentado como uma pessoa falsa, e assim também é construída a sua religião nas palavras do autor da *Legenda áurea*, de maneira que devemos avaliar que ao longo deste capítulo construímos e damos a visão de que de fato, a crença deste bispo de Gênova, possivelmente, era a de que Maomé, assim como Ário e Nestório, era um herege, que conseguiu desvirtuar o Cristianismo e dar origem a uma falsa fé.

Como contraponto a esta compreensão da morte do profeta, encontramos informações em diversas obras da historiografia contemporânea, indicando a leitura da

²¹ *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1011.

²² *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1011.

obra de Albert Hourani, intitulada como “Uma História dos Povos Árabes”, publicada em São Paulo, pela Cia das Letras, que na página 36 apresenta o seguinte:

“Ele morreu nesse ano. Deixou mais de um legado. Primeiro, o de sua personalidade, como fora vista pelos olhos dos companheiros próximos. O testemunho deles, passado basicamente por transmissão oral, só adquiriu sua forma definitiva muito depois, e então certamente já inflado por acréscimos, mas parece plausível a sugestão de que, desde o início, os que conheceram e seguiram Maomé tentaram modelar seu comportamento pelo dele. Com o tempo, evoluiu um tipo de personalidade humana que bem pode, em certa medida, ser um reflexo da dele. Espelhado nos olhos de seus seguidores, aparece como um homem em busca da verdade na juventude, depois embrutecido pelo senso de poder que se abate sobre ele, ávido por comunicar o que lhe foi revelado, conquistando confiança em sua missão e sendo de autoridade quando os seguidores se reúnem à sua volta, um árbitro preocupado em fazer a paz e conciliar disputas à luz de princípios de justiça tidos como de origem divina, um habilidoso manipulador de forças políticas, um homem que não dá as costas aos modos habituais de ação humana, mas tenta confina-los dentro de limites que julga terem sido ordenados pela Vontade de Deus”.

O ISLÃ PARA ALÉM DE SÃO PELÁGIO, PAPA

Ao focarmos no Capítulo de São Pelágio, Papa - deixamos de lado a reflexão sobre a presença ou a ausência dos islâmicos nos demais capítulos da *Legenda Áurea*, uma vez que a grande descrição desta fé encontra-se no penúltimo capítulo da referida obra. Ao realizarmos uma pesquisa¹, utilizando o termo sarraceno², encontramos referências a esta religião e cultura em outros oito capítulos, estes em formato tipicamente hagiográfico como apresentado no começo deste trabalho.

Os capítulos em que temos a presença dos islâmicos estão dispersos em diferentes partes da *Legenda Áurea*: o capítulo 56 de São Jorge, 57 de São Marcos, o 85 de São Paulo, 94 de São Tiago, o Maior, 108 de São Domingos, 118 de São Bartolomeu, 119 de Santo Agostinho e o 154 de São Simas e Judas. Desta forma o que iremos realizar no terceiro capítulo deste TCC é uma análise de como se dá a presença do Islamismo nesses textos da *Legenda Áurea*. A primeira observação que se pode fazer é que o Islã não tem o mesmo destaque que em São Pelágio, Papa.

Em termos metodológicos, a leitura dos capítulos supracitados foi feita a partir da identificação do termo “sarracenos”. Além disso, procuramos compreender quem é o santo ou santa, objeto central do texto e qual a motivação para a presença dos Sarracenos. A partir dessa leitura, pensamos que é possível discutir os possíveis usos e representações do Islã por Jacopo de Varazze, o foco da análise está no que é dito sobre o Islã, ou seja, não iremos analisar todo o capítulo.

O primeiro capítulo que será analisado é o sobre São Jorge. A personagem é apresentada como o herói que encontra sua santidade ao se entregar ao Senhor e lutar pela liberdade dos cristãos, sendo o ápice de sua luta a libertação de uma cidade, na região da Líbia, do terror representado por um dragão, morto pelo santo. Desta forma temos um grande guerreiro do Cristianismo, que gerou diversas relíquias, após sua

¹ Pesquisamos em meio à obra pelos seguintes termos, além de sarracenos: o termo “infiéis” aparece em referência aos pagãos e judeus, “muçulmanos” é um termo que está presente em, apenas, três notas de rodapé, enquanto que os termos “maometanos” e “islâmicos” não estão presentes na *Legenda áurea*, sendo que a única referência ao Islamismo é através do termo “Sarracenos”.

² Termo utilizado para a descrição daqueles que acreditavam nas palavras do Profeta Islâmico, como uma cultura a parte.

suposta execução por volta do ano de 287, e é no uso destes itens sagrados oriundos do suposto martírio de São Jorge que encontramos a primeira referência à cultura islâmica:

“Na História de Antioquia lê-se que quando os cristãos rumavam para conquistar Jerusalém, um belíssimo rapaz apareceu a um sacerdote dizendo-lhe que São Jorge seria o comandante dos cristãos caso levassem consigo suas relíquias a Jerusalém, onde ele próprios estaria ao lado deles. E quando sitiavam a cidade e a resistência dos sarracenos não permitia o assalto final, o bem-aventurado Jorge apareceu em trajes brancos e armado de uma cruz vermelha, fazendo sinal aos sitiados para irem atrás dele e atacarem sem medo, que conquistariam a cidade. Animados por essa visão, venceram e massacraram os sarracenos”³.

Ao procurarmos pelos dois usos do termo “sarracenos” temos sua presença em um momento do texto e da história em que temos a primeira investida do mundo cristão, em larga escala, contra esse inimigo distante, ou seja, estamos no período das Cruzadas. A construção do personagem islâmico, nesta primeira citação, remete ao inimigo, aquele outro que deve ser derrotado e que só com o apoio da verdadeira fé irá encontrar sua derrota.

Ao mesmo tempo, devemos afirmar que o uso do termo pela segunda vez remete ao massacre feito pelos cristãos, quando da tomada de Jerusalém, com uma comemoração da vitória graças ao auxílio de São Jorge. Com o santo foi possível por fim a este inimigo herege, que era o Islamismo, e à presença destes, na cidade Sagrada. A presença dos islâmicos é tida como a presença do inimigo que precisa ser derrotado, a qualquer custo, para que os Cristãos possam pregar e levar a verdadeira palavra.

A segunda passagem na qual é possível encontrar menção aos muçulmanos está no capítulo sobre São Marcos. O santo é apresentado como um dos evangelistas e responsáveis pela pregação inicial da palavra de Cristo, recebeu o batismo de Pedro e acompanhou este até Roma. O capítulo narra suas viagens e atividades, por exemplo, de Jerusalém à Roma, de lá para a Ásia Menor, indo para a Aquiléia, e desta para Alexandria, onde veio a falecer. Depois narra o traslado para a cidade de Veneza.

Este capítulo se dedica a uma vasta apresentação dos milagres executados por São Marcos, e é em meio a estes milagres que encontramos a referência aos sarracenos:

“Uns mercadores venezianos iam para Alexandria num navio sarraceno, quando diante do risco de iminente naufrágio conseguiram pular numa chalupa e cortar a corda. Pouco depois o navio foi tragado pelas águas, engolindo todos os sarracenos. Um destes invocou o beato Marcos, fazendo o

³ *Legenda Áurea*. São Jorge. p. 370.

voto de receber o batismo e visitar sua igreja caso ele o socorresse. No mesmo instante apareceu um esplêndido personagem que o tirou das águas e o colocou na barca junto com os outros”⁴.

Ou seja, a presença dos sarracenos no capítulo sobre São Marcos refere-se a uma questão de fé, pois apresenta uma situação em que os islâmicos estariam perdidos e abandonados à própria sorte, momento no qual, um dos seguidores de Maomé se voltou para uma figura que sabia que não lhe falharia, São Marcos, um santo cristão que não negaria ajuda, ainda mais com a promessa de conversão. O fim deste trecho mostra como o Sarraceno teria se convertido por crer que de fato a verdadeira fé estava nas palavras de Cristo e dos seus seguidores.

A terceira passagem na qual é possível encontrar uma referência aos muçulmanos está no capítulo sobre São Paulo. Neste capítulo Jacopo de Varazze cita o Elogio de Paulo, de João Crisóstomo, e é nesta citação que a referência pode ser encontrada, em meio à descrição das virtudes de Paulo:

Esse homem do povo, artesão que preparava peles, progrediu tanto em virtudes que apenas em trinta anos submeteu ao jugo da verdade romanos e persas, partas e medas, indianos e citas, etíopes, sármatas e sarracenos, enfim todas as raças humanas, como fogo que jogado na palha e no feno consome todas as obras dos demônios”⁵.

Nesta passagem, temos a primeira citação à figura dos sarracenos na qual eles não são construídos através de uma representação de inimigos, aqui podemos perceber a presença de diversos povos e culturas que foram apresentados ao Cristianismo através das palavras de Paulo. O objetivo deste trecho parece ser o de demonstrar a possibilidade de conversão ao Cristianismo por todos aqueles que quiserem se abrir a verdadeira fé, deixando de lado antigas crenças, que poderiam guiar para um caminho errado.

A quarta citação sobre a presença islâmica encontra-se no capítulo de São Tiago, o Maior, apóstolo que teria dado fama a cidade de Compostela, ao trabalhar com a expansão do Cristianismo pela região da Ibéria. O texto está centrado na questão da pregação realizada por Tiago e da sua importância para o desenvolvimento do combate aos pagãos no que hoje seria a Espanha e a França, mostrando como ele era um verdadeiro servo de Deus e que suas ações levaram a fixação de um Cristianismo

⁴ *Legenda Áurea*. São Marcos. p. 375.

⁵ *Legenda Áurea*. São Paulo, Apóstolo. p. 526.

honesto naquela região – a principal marcação temporal deste capítulo é a de que o Papa do período vigente seria Calisto, cujo pontificado teria acabado em 222.

Desta forma temos a construção dos milagres promovidos por São Tiago como vinculados à questão guerreira, no momento em que o Cristianismo estava se firmando, ao mesmo tempo em que, posteriormente, eram apresentados como elementos da luta para evitar a expansão árabe para a Europa continental, sendo que o caminho de São Tiago de Compostela é traço presente neste texto. A presença do Islã neste capítulo acontece da seguinte forma:

“O papa Calisto refere-se a um cidadão de Barcelona que por volta do ano 1100 do Senhor chegou a Compostela e pediu somente uma coisa: que dali em diante não fosse capturado por inimigo algum. Certa feita foi aprisionado por sarracenos no mar da Sicília e vendido diversas vezes, mas sempre as correntes que o prendiam se quebravam. Na décima terceira vez em que foi vendido, colocaram-no sob correntes duplas, mas ele invocou São Tiago, que lhe apareceu e disse: ‘Quando em minha igreja você fez seu pedido, privilegiou a libertação do corpo à salvação da alma, e por isso passou por todos esses perigos. Mas o Senhor é misericordioso e me enviou para redimi-lo’ No mesmo momento as cadeias romperam-se, e até alcançar sua região o homem atravessou terras e castelos dos sarracenos levando partes de suas correntes como testemunhas do milagre, que todos viram estupefatos. Quando alguém queria prendê-lo, mostrava suas correntes e ele fugia aterrado”⁶.

Nesta citação podemos ler como Jacopo de Varazze considera a importância de São Tiago na Espanha dominada pelos Sarracenos. Estes são apresentados como grandes aprisionadores, no sentido de manterem cativos, pessoas que fossem capturadas e não pertencessem ao islã, bem como a forma como os cristãos procuravam usar das suas crenças para enfrentar seus inimigos.

A presença dos sarracenos é colocada como a de um grupo guerreiro que tem a força militar para se expandir e conquistar territórios de outros povos e culturas, mas que possuem o temor no que se refere às populações dominadas, no caso os cristãos, como podemos perceber através do medo que eles têm das correntes quebradas, dado ao que se creditaria a ação milagrosa de São Tiago, na defesa de um cristão. Aqui a figura do Santo é construída como um pilar de esperança para o enfrentamento do inimigo da fé, o invasor sarraceno, tão temido pelas populações da Ibéria, que lutaram ao longo de séculos para expulsá-los.

⁶ *Legenda Áurea*. São Tiago, o Maior. p. 569.

No capítulo referente aos Santos Simão e Judas, somos apresentados aos dois irmãos e ao como suas atividades de pregação foram realizadas, principalmente na região da Ásia Menor e do atual Oriente Médio. O principal marcador sobre estes dois Santos é que eles seriam irmãos de Tiago, o Menor, e desta forma teriam ingressado na fé cristã e começado a pregar a palavra de Cristo.

A presença dos Sarracenos, neste trecho da *Legenda Áurea*, se dá nos seguintes termos:

“Pelo que se diz, a carta de Nosso Senhor Jesus Cristo tem tal virtude que na cidade de Edessa nenhum herético ou pagão pode viver, e nenhum tirano ousa fazer mal a alguém. De fato, se acontece de a cidade ser atacada, uma criança no alto de sua porta lê a carta e no mesmo dia as hostes inimigas fogem amedrontadas ou fazem um pacto e retiram-se pacificamente. É o que ocorria antigamente, porém mais tarde a cidade foi capturada e profanada pelos sarracenos, já que perdera seus benefícios em razão dos inúmeros e notórios pecados cometidos em todo o Oriente”⁷.

Aqui temos, a presença dos sarracenos como os grandes invasores e perturbadores da paz cristã, ou seja, mesmo a vontade de Cristo encontra-se em perigo frente à existência dos muçulmanos. A construção desta citação remete a questão de que os cristãos só foram conquistados em virtude de seu desvirtuamento, a marca deste texto é a de que a fé correta do Cristianismo poderia superar quaisquer desafios, mas aqueles que tomassem o caminho do pecado corriam o perigo de se ver dominado pelo herege, pelo infiel.

A construção da presença do islã neste capítulo é a de que mesmo aqueles que uma vez encontrarem a dádiva de Deus, se não se mantiverem fiéis a sua vontade e a sua palavra irão cair em desgraça. O Islamismo é a construção imagética e cultural de um inimigo físico, que somado aos demônios apresentados nesta *Legenda*, colocavam-se em disputa com o Cristianismo para a busca pelo maior número de fiéis.

O capítulo sobre São Bartolomeu, tido em sua hagiografia como o grande responsável pela expansão do Cristianismo no Extremo Oriente, sendo descrito o seu papel na Índia, mas sem a utilização de qualquer marcador temporal. Através da

⁷ *Legenda Áurea*. Santos Simão e Judas. p. 888.

descrição das ações deste santo no Oriente encontramos um registro de como seria sua fisionomia⁸ e de como teria sido desenvolvido o seu trabalho de pregação.

Ao entrarmos em contato com uma lista de ações milagrosas realizadas por São Bartolomeu percebemos a importância de sua figura para o Cristianismo, e neste momento temos o contato com a figura dos sarracenos:

“No ano do Senhor de 331, os sarracenos invadiram a Sicília⁹ e devastaram a ilha Lípari onde repousava o corpo de São Bartolomeu, destruíram seu sepulcro e dispersaram os ossos. Sobre a dia de seu corpo da Índia até aquela ilha conta-se os seguintes. Os pagãos, indignados ao verem seu corpo venerado por causa dos frequentes milagres colocaram-no em um ataúde de chumbo, que jogaram ao mar mas por vontade divina cegou à mencionada ilha. Os sarracenos dispersaram seus ossos, mas depois que foram expulsos, o apóstolo apareceu a um monge dizendo: ‘Levanta-se e reúna meus ossos que estão dispersos’”¹⁰.

Encontramos os sarracenos com o papel de invasores, onde eles estariam avançando pelo Sul da Itália e tratando com desrespeito as relíquias cristãs, e nisto encontraríamos o ataque ao local de descanso de São Bartolomeu. Esta citação visa corroborar o intuito de Jacopo de Varazze de construir a presença do Islamismo como o grande inimigo e invasor da Cristandade, de forma que ele cita os sarracenos apenas para indicar o povo que atacou um local sagrado para os cristãos.

Neste texto temos a apresentação do medo que os demônios e os infiéis possuíam da figura de São Bartolomeu, de forma que o ataque a sua imagem pode ser a construção, feita por Jacopo de Varazze, para demonstrar que os inimigos de Cristo só poderiam combater-lo quando os seus seguidores já não mais estivessem presentes. Temos a presença dos sarracenos para mostrar o quão longe os inimigos do verdadeiro Deus podem ir, se não houver uma luta, uma resistência contrária, a partir dos cristãos, pois se os virtuosos lutarem pelos seus, o herege não terá mais forças.

Em seguida a São Bartolomeu temos a apresentação da figura de Santo Agostinho, um dos textos mais longos existentes na *Legenda Áurea*. O texto busca realizar uma construção ampla sobre quem é Santo Agostinho, uma figura de grande

⁸ *Legenda Áurea*. São Bartolomeu. p. 698. “Tem cabelos crespos e negros, tez branca, olhos grandes, nariz reto e bem-proporcionado, barba espessa e um pouco grisalha e estatura mediana”.

⁹ Hilário Franco Júnior: “Erro cronológico tão grosseiro, diferente dos vários pequenos enganos de Jacopo nessa matéria, que só pode se dever a uma transcrição faltosa: os sarracenos (denominação dada pelos cristãos medievais aos muçulmanos surgiram evidentemente com a fundação do islamismo, em 622, e invadiram a Sicília apenas em 827, de onde foram expulsos em 1091”.

¹⁰ *Legenda Áurea*. São Bartolomeu. p. 701.

relevância para a história do Cristianismo, como filósofo e teólogo, sendo apresentado todo o progresso que foi necessário para que ele deixasse de lado sua crença herética, baseada no Maniqueísmo¹¹ e se entregasse a verdadeira fé de Cristo.

Ao construir o texto sobre Santo Agostinho, Jacopo de Varazze consegue trabalhar com a questão da angústia familiar e do medo de que o filho se tornasse um herege e não seguisse o verdadeiro formato do Cristianismo. Desta forma o que encontramos neste capítulo é a construção do passado pecador de um Santo fundamental na história da Igreja e do como ele se tornou este referencial, ao se entregar totalmente a fé cristã.

Neste capítulo, onde muito se fala, encontramos a representação do Islamismo, novamente como os Sarracenos, mas aqui sua presença é da seguinte maneira:

“O bispo Santo Agostinho tinha um gênio penetrante, uma eloquência suave, era perito em literatura secular, era ativo nos trabalhos eclesiásticos, era claro nas discussões cotidianas, era grave na atitude, hábil em resolver questões, atento em convencer hereges, católico na exposição de nossa fé, seguro na explicação das escrituras canônicas’ Bernardo escreveu o seguinte sobre ele> ‘Agostinho é o vigorosíssimo martelo dos hereges’ Depois de sua morte, os bárbaros invadiram a região e profanaram os lugares santos, por isso os fiéis pegaram o corpo de Agostinho e o levaram para a Sardenha. Passado 280 anos de sua morte, em trono do ano do Senhor de 718, Liutprando, devoto rei dos lombardos, ouvindo que a Sardenha tinha disso despovoada pelos sarracenos, enviou mensageiros para levar a Pavia as relíquias do santo doutor, obtidas por uma soma considerável e transportadas até Gênova. Ao saber que elas estavam nessa cidade, o devoto rei foi com grande alegria a seu encontro e reverentemente as recebeu”¹².

Aqui encontramos os muçulmanos não como os invasores, como diversas vezes foram apresentados por Jacopo de Varazze, mas como um povo que está recuando de várias posições por problemas internos, bem como de invasões externas, como a invasão mongol e a luta pela reconquista de Espanha e Portugal. Percebemos os sarracenos como um detalhe desta história que se refere a uma grande figura da religião cristã, um Santo que foi tornado em um exemplo para toda a comunidade adepta do Cristianismo, como alguém que em Cristo encontrou sua verdadeira fé e seu caminho, e desta forma levou outros a seu redor a chegarem à mesma conclusão.

¹¹ Franco Júnior, H. “Apresentação” Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica In: JACOPO DE VARAZZE. *Legenda áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. P. 12: “Maniqueísmo é o rótulo genérico que a Idade Média aplicava a diversas heresias que concebiam a coexistência eterna de um reino de Luz e um de Trevas. Tal ideia era antiga no ambiente grego do Cristianismo (que que se buscava a *gnosis*, “conhecimento” da origem do mal) e foi alimentada pelo dualismo da religião persa, a qual em meados do século III ensinava que na luta entre Bem e Mal o papel central cabia a Jesus, que por ser divino não podia se encarnar, apenas tomar a aparência de homem”.

¹² *Legenda Áurea*. Santo Agostinho. p. 719.

O último capítulo no qual iremos analisar a presença do Islamismo é o de São Domingos, Santo responsável pela formação da ordem dos dominicanos, à qual Jacopo de Varazze pertence. Desta forma, temos na construção de São Domingos um homem que encontrou a sua santidade e a verdade das palavras de Cristo, ainda no ventre materno e juventude, e a elas se entregou, fazendo com que os frades menores, após sua formação, realizassem um trabalho fundamental para a expansão da verdadeira religião.

Jacopo de Varazze ao escrever sobre o criador da ordem dominicana narra à história de um homem totalmente santo e virtuoso que teria escolhido a regra de Santo Agostinho para sua Ordem, em virtude deste ter sido um exímio pregador, como os dominicanos viriam a ser, da forma como foi vislumbrada por São Domingos em seus sonhos. Deve-se considerar que enquanto Jacopo de Varazze escolheu escrever sobre as ações e milagres do fundador da Ordem dos Pregadores através de suas próprias palavras, para Santo Agostinho, São Paulo e outras grandes figuras, ele optou por utilizar-se da citação de trabalhos alheios.

A presença dos islâmicos neste capítulo acontece logo no princípio do texto, no momento em que temos a construção da representação deste homem que viraria Santo, mas antes da formação de sua Ordem. Os sarracenos, aqui, são apresentados da seguinte maneira:

“Quando ele soube que alguém por causa da grande miséria que sofria, aderira à comunidade herética, quis vender a si mesmo para com o valor recebido minorar tal penúria e libertar aquele que se vendera ao erro. Ele assim teria feito se a misericórdia divina não tivesse decidido de outra forma. Outra vez, quando uma mulher queixou-se em prantos que seu irmão era cativo dos sarracenos e não tinha como libertá-lo, Domingos, movido por profunda compaixão, decidiu vender-se para resgatar o cativo, mas sabendo disso e de como ele era necessário para o resgate de muitos cativos espirituais, Deus não o permitiu”¹³.

Neste trecho temos a presença dos sarracenos como os infiéis que estão caçando os verdadeiros filhos de Deus, no caso os cristãos, e os estão aprisionando. Somos apresentados a uma demonstração de como os Santos da Igreja Católica colocavam-se como combatentes desta falsa fé que prejudicava e afetava a vida daqueles que tinham se entregado a verdadeira crença, ou seja, a construção sobre o como o Islã era o “conquistador macabro” que vinha atacar o reino dos virtuosos.

¹³ *Legenda Áurea*. São Domingos. p. 616.

Ao refletirmos sobre esta citação aos sarracenos temos a possibilidade de trabalhar com o papel que lhes foi atribuído pela Igreja no que se refere à construção dos perigos que rondavam a verdadeira fé cristã. Ao descrever os islâmicos como os que aprisionam os cristãos, eles são expostos como um dos maiores males para aqueles que não são fiéis às palavras de Cristo, ou seja, eles estão colocados como os grandes perigos para aqueles que não seguem a escritura, tendo uma construção baseada nos medos do diferente e do desconhecido.

No texto de Karen Armstrong temos a construção de uma teoria que pode auxiliar em nossa análise sobre as motivações para uma inserção do islã como é feita na *Legenda áurea*, através dos dez capítulos analisados ao longo deste trabalho:

“Alguns intelectuais sérios procurariam uma visão mais objetiva do Profeta e de sua religião, mas a imagem ficcional desse ‘Mahound’ persistiu no imaginário popular. Ele se tornou o grande inimigo da identidade ocidental emergente, representando tudo aquilo que ‘nós’ esperávamos não ser. Vestígios dessa antiga fantasia sobrevivem até hoje. Ainda é comum que os ocidentais pressuponham que Maomé simplesmente ‘usou’ a religião para conquistar o mundo ou que o islã é a violenta religião da espada, mesmo havendo muitos estudos sérios e objetivos do islã e de seu Profeta que refutam o mito de Mahound”¹⁴.

Ou seja, a representação da figura dos sarracenos como o grande mal é construída em função de um imaginário quanto ao inimigo da fé cristã, e isto é visto como um problema não só do período medieval mas dos dias atuais, onde temos o Islã apresentado como um dos piores males, como uma cultura bárbara. A imagem ficcional trabalhada por Armstrong faz com que reflitamos até que ponto se buscou a construção de um trabalho sério sobre as estruturas e a cultura islâmica, pois ao que parece, ao analisarmos uma fonte do período medieval, a importância não estava na compreensão “do outro”, mas sim na representação da imagem de um inimigo, sendo que os motivos para essa construção estariam vinculados a uma defesa contra este invasor herege, que – como é percebido na narrativa de Jacopo de Varazze - ameaçava a hegemonia cristã.

Ao pautar a escrita da *Legenda áurea* como uma ferramenta para Pregadores, ou seja, pessoas que teriam como ofício a necessidade de serem exímios oradores, seu autor acaba por colocar na obra um caráter de combate às culturas heréticas, como que construindo o melhor ideal e caminho para a salvação e a fé correta. Ao mesmo tempo, a importância da presença do Islamismo neste texto é a de construir a figura de um

¹⁴ ARMSTRONG, K. *Maomé – Uma Biografia do Profeta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 32.

inimigo herético e fraco em sua fé e poder, dado a proximidade com o movimento cruzadista que culminou em uma derrota para os cristãos, que procuravam fortalecer sua hegemonia na Europa.

Jacopo de Varazze apresenta a cultura islâmica utilizando-se do papel de invasores, conquistadores e infiéis com o intuito de apresentar um grupo de pessoas que possuiria uma tradição errada, que colocaria em risco o “modo de vida cristão”. A presença dos sarracenos acaba por ser feita nos capítulos da *Legenda* com o intuito de elevar a presença dos Santos Católicos, como ideais de virtude e caráter, pois todos os que foram aqui apresentados ou estão diretamente relacionados a momentos fundamentais da história católica, seja sendo apóstolos ligados a Cristo, soldados de Cristo no momento da expansão desta religião pela antiga Roma ou vinculados ao processo de formação das ordens religiosas, como Santo Agostinho e São Domingos.

CONCLUSÃO

Estruturamos este trabalho de maneira que fosse possível encontrarmos uma resposta para nosso problema de pesquisa: “A representação da religião Muçulmana, na *Legenda Áurea*, está relacionada com a expansão islâmica para o Sul Italiano e a derrota na batalha por Jerusalém?”, com o intuito de realizarmos uma análise das motivações e interesses de Jacopo de Varazze na escrita de seu texto. Ao longo de nossa pesquisa acreditamos ter reunido material e informações suficientes para refletirmos sobre nosso questionamento base, de maneira que realizar uma abordagem, tida como inovadora, seja viável e não apenas uma idealização.

Este trabalho foi desenvolvido através da escrita de três focos de análise: os estudos referentes à *Legenda áurea* no Brasil e a falta de pesquisa sobre a temática aqui proposta, uma reflexão sobre a presença do Islamismo no Capítulo referente a São Pelágio, Papa, e, por fim, a percepção desta crença em outros momentos da obra. Ao pensarmos neste formato de trabalho estruturamos nossa escrita para que o leitor conseguisse visualizar a necessidade de um texto que verse sobre a cultura islâmica, de maneira que fosse percebida a ausência de escritos sobre esta temática, bem como o modelo que se pensou para abordar este assunto.

Ao trabalharmos com a presença de pesquisas sobre a *Legenda áurea* na historiografia brasileira procuramos analisar a introdução deste documento no campo de estudos medievais, de maneira a contextualizar a utilização do texto como uma constante fonte para este período. Tendo em vista que este documento é um dos poucos manuscritos, do período medieval, que possuem tradução para a língua portuguesa, conseguimos perceber que são poucos os trabalhos desenvolvidos com sua utilização.

No princípio de nossa pesquisa, percebemos que o maior número de trabalhos vinculados ao texto da *Legenda áurea* se destina a pesquisas que envolvem a história das santidades representadas nesta hagiografia, bem como para os usos que este modelo textual possuía. Conseguimos perceber que a utilização deste documento tinha um caráter mais amplo, do que a maioria dos textos medievais, considerando que através de nossas leituras, percebemos duas, das principais, utilizações deste texto: a sua divulgação por via oral (através da pregação) e a sua escrita como um objeto de luxo (como fomos apresentados a sua tradução francesa, pela pesquisadora Tereza Renata Silva Rocha).

Ao percebermos um reduzido número de estudos diretamente relacionados com uma análise da *Legenda áurea* realizamos uma pesquisa no banco de periódicos da CAPES, com o intuito de verificar quais eram as abordagens referentes a este documento (e a sua escrita) em publicações acadêmicas. O resultado desta busca foi à constatação de que o número de trabalhos envolvendo este documento são mínimos, e que, quando voltamos a análise para a presença do Islamismo, vinculado a *Legenda áurea*, a quantidade de publicações torna-se zero, ao passo que para a de textos voltados para esta religião, no período medieval, os resultados não passam de 100.

Desta forma, percebemos a importância desta proposta de trabalho, no que se refere a uma análise da presença do Islamismo, bem como das motivações para que esta ocorra, neste documento, tendo em vista a relevância da temática e a falta de pesquisas sobre esta questão. Tivemos a percepção de que no momento da escrita da *Legenda áurea* (no século XIII) Jacopo de Varazze buscava expor este inimigo da fé Cristã, que havia derrotado o movimento cruzadista, como um grande perigo, através da interpretação errada da palavra de Deus, ou seja, construindo uma representação da cultura Islâmica como herética.

Após termos compreendido o espaço das pesquisas envolvendo a *Legenda áurea*, na historiografia brasileira, e a importância da temática proposta, bem como das motivações para a inclusão deste tema na narrativa de Jacopo de Varazze, voltamos à construção de nossa pesquisa para a presença do Islamismo no capítulo de São Pelágio, Papa. Nossa análise está focada na retórica empregada pelo autor da *Legenda áurea*, no que se refere à formação e ao desenvolvimento da religião Islâmica, como uma vertente distorcida do Cristianismo, baseada na crença herética de Nestório, que teria sido ensinada a Maomé, e que este, teria repassado ao seu povo.

Antes de analisarmos a escrita de Jacopo de Varazze sobre a religião islâmica, apresentamos o contexto de formação do Islamismo, de maneira que se tornasse visível o momento de consolidação do Cristianismo, como o tempo em que, paralelamente, deu-se o surgimento de uma força de oposição ao poder cristão. Antes da introdução ao universo islâmico, na *Legenda áurea*, somos apresentados a uma série de papas que lideraram a igreja em um período, imediatamente, anterior a formação do Islamismo, sendo perceptível que representariam o momento de consolidação da religião cristã, antes da apresentação do Profeta, que teria sido ensinado por líderes heréticos do Cristianismo, que escaparam das perseguições promovidas nos anos de definição dos dogmas cristãos.

Ao longo de nossa análise da representação do Islamismo, realizada por Jacopo de Varazze, percebemos a construção de um texto centrado na figura de Maomé, como sendo o formador de uma crença (baseada em falsos preceitos do Cristianismo) e que teria deturpado a fé correta por interesses próprios. Percebemos a utilização deste método de escrita como uma ferramenta, encontrada pelo autor, para o desenvolvimento do texto sobre uma cultura da qual ele não teria muito conhecimento próprio, além dos relatos das populações do Sul da Itália, bem como de Cruzados que retornavam da Terra Santa, ou de soldados que participavam de combates na Reconquista da Península Ibérica.

O texto de Jacopo de Varazze está centrado em uma representação do mal que o Islamismo representa, não pelos seus adeptos, mas pelo seu líder, o Profeta, que teria influenciado e feito com que uma grande população se tornasse adepta de uma falsa fé, que seria, como apresentado, uma cópia do Cristianismo, mas povoada pelos vícios de um homem. Se a narrativa realizada pelo autor é hoje percebida como preconceituosa, na época era vista como necessária e correta, pois, como os cristãos acabavam de sair de um contexto de derrota perante o inimigo muçulmano tornava-se necessário o desenvolvimento de uma escrita que expusesse os vícios desta cultura, bem como a sua construção a partir de uma heresia do Cristianismo.

A presença do Islamismo no capítulo de São Pelágio, Papa trouxe a reflexão de que a representação do islã como uma crença pecaminosa e errada fazia parte do contexto histórico de Jacopo de Varazze, que ao escrever um texto voltado para pregações deveria apresentar esta outra religião como falsa e deturpada. Desta maneira tornou-se necessário, para o bom desenvolvimento desta pesquisa, a procura por outras citações a cultura islâmica na *Legenda áurea* para que fosse possível a percepção de sua representação, se houvesse, ao longo da obra.

O último capítulo deste trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa pela presença muçulmana ao longo do texto de Jacopo de Varazze, com o intuito de possibilitar a percepção da representação desta cultura no documento medieval. Desta forma, realizamos uma busca pelos termos infiéis (que fazem referências aos pagãos e judeus), muçulmanos (constando em três notas de rodapé, escritas pelo autor da tradução brasileira da *Legenda áurea*), maometanos e islâmicos (que não possuem nenhuma referência ao longo da obra), sendo que o único resultado encontrado, e possível de se trabalhar, foi com o termo sarraceno.

Através da busca pelo termo sarraceno encontramos referências à cultura islâmica em oito capítulos, além do capítulo central utilizado para esta pesquisa, a participação desta religião ao longo da obra se dá de diferentes maneiras, mas não há nenhum caso de um amplo foco nesta população como no texto de São Pelágio, Papa. Os islâmicos são apresentados como um conjunto de pessoas que está sempre orbitando em torno da realidade e da crença cristã, tornando possível a sua percepção como um grupo de fieis temerosos com relação à verdadeira fé (no caso o Cristianismo), tendo-se a demonstração de pertencerem a uma comunidade com uma real possibilidade de conversão, por medo e em momentos de dificuldade.

A presença do Islamismo ao longo da *Legenda áurea* é utilizada em momentos da demonstração da força que as santidades cristãs teriam frente aos obstáculos e adversários que fossem apresentados a ela, bem como seu papel na proteção dos seguidores do verdadeiro Deus. Desta forma, nossa reflexão, ao longo da análise realizada, foi a de que a presença do islã, no decorrer da obra possuiu o objetivo de apresentar um dos inimigos da fé cristã (assim como os pagãos e judeus, por exemplo), mas ao trabalhar com a cultura islâmica, em São Pelágio, o autor procurou construir uma representação das origens deste inimigo, bem como a apresentação de Maomé, como falsos e amparados em uma heresia do Cristianismo, de maneira a mostrar o maior adversário dos cristãos, os islâmicos.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, principalmente a partir das reflexões levantadas através da percepção da presença dos islâmicos no decorrer dos capítulos da *Legenda áurea* (como os de São Jorge, São Tiago, o Maior e São Domingos) temos a construção do Islã como uma cultura que agride os cristãos, mas que mantém um receio, um medo desta crença e dos poderes que o verdadeiro Deus, e seus anjos e santos, teriam. Sendo que a única referência à passagem dos muçulmanos pela Europa Central está no capítulo de São Bartolomeu, em uma rápida citação a presença dos árabes na Itália, encontramos um caminho para respondermos nosso problema de pesquisa: a representação realizada por Jacopo de Varazze, da cultura islâmica, está relacionada com a derrota do movimento cruzadista, e não com a invasão muçulmana na Itália.

Desta forma, se a representação de Jacopo de Varazze não nasce a partir de uma proximidade geográfica com os ditos invasores ou conquistadores, podemos refletir que a formatação de sua interpretação do Islamismo está vinculada com uma perspectiva

política, que faça com que as duas crenças se enfrentem. Se a geografia não permite esta possibilidade, qual seria o maior evento medieval a colocar o Islã e o Cristianismo como pesos opostos no cenário político dos séculos XI, XII e XIII, período anterior e de escrita da *Legenda áurea*? A luta pela posse de Jerusalém.

Como Karen Armstrong diz em seu livro *Maomé – uma biografia do Profeta*, podemos encontrar um real enfrentamento do inimigo islâmico, pelos cristãos, apenas após a virada do primeiro milênio:

“Por volta do fim do século XI, a Europa começava a se reerguer sob a orientação do papa e a empurrar para trás as fronteiras do islã. Em 1061 os normandos iniciaram o ataque aos muçulmanos no Sul da Itália e na Sicília, conquistando a região em 1091; os cristãos do Norte da Espanha deflagraram as guerras da Reconquista contra os muçulmanos de al-Andalus e conquistaram Toledo em 1085; em 1095, o papa Urbano II conclamou os cavaleiros da Europa a libertar o Santo Sepulcro em Jerusalém numa expedição que mais tarde ficaria conhecida como a Primeira Cruzada. Em 1099, após anos de dificuldades incriveis, os cruzados conseguiram conquistar Jerusalém e estabelecer as primeiras colônias ocidentais no Oriente Próximo. Esse novo sucesso ocidental tomou a forma de uma guerra generalizada contra o islã, mas, em princípio, ninguém no Ocidente tinha ódio à religião muçulmana ou a seu Profeta. Estavam mais preocupados com seus próprios sonhos de glória e com a expansão da Europa papal. A *Chanson de Roland*, composta durante o período da Primeira Cruzada, demonstra uma ignorância significativa da natureza essencial da fé islâmica”¹.

Ao visualizarmos que a Europa voltou-se para o islã e buscou enfrentar este inimigo sob as orientações do Papa percebemos que o grande motivador para essa luta foi o momento de parada do islã, em sua expansão para a Europa Papal, e a intenção dos Europeus de ampliarem seus domínios, uma vez que se viam cercados pelo outro. Desta forma podemos demarcar o século XI como o período onde o Islamismo se tornou fundamental para a escrita da história, por parte dos pregadores e membros da Igreja, onde estes mostrariam o outro como o pecado, o horror e o errado.

O islã a partir do século XI começa a ser visto como aquela cultura que se apoderou do que pertence aos cristãos em um período de fraqueza, em um momento onde os virtuosos sofreram um ataque de pecadores e se viram impossibilitados na realização de qualquer reação. E a partir da construção da necessidade cristã de espalhar a verdadeira fé e de buscar a ampliação de seu poder político, e de suas riquezas, impôs a utilidade de se construir um inimigo geral e externo (o islã) e de empregar e incentivar

¹ IDEM. Ibidem. p. 32.

o empreendimento de grandes ações de expulsão e conquista deste outro (como a Reconquista Ibérica e as Cruzadas).

A representação construída, por Jacopo de Varazze, está vinculada a uma necessidade de demonstrar quão vil seria este inimigo, de forma a incentivar a obrigação do enfrentamento aqueles que afligem e agridem aos fiéis da verdadeira religião e que conhecem a verdadeira santidade. Se a região sul da Itália já havia conseguido expulsar os muçulmanos, em sua maioria, no período de escrita da *Legenda áurea*, o que restava agora era atacar a origem deste inimigo, através de sua base, ou seja, o Oriente Médio, de maneira a, inclusive, possibilitar a reconquista da cidade sagrada de Jerusalém pelos cristãos.

A construção de Jacopo de Varazze no que se refere à figura de Maomé é a construção de um charlatão, de um homem sem escrúpulos que buscou dominar uma população com o intuito de obter poder e riquezas para si, como podemos perceber neste trecho da *Legenda*:

“Um clérigo muito famoso, que não pudera obter na corte romana as honras que pretendia, retirou-se furioso para os países de ultramar e por meio de embustes atraiu inúmeras pessoas. Ao encontrar Maomé, disse-lhe que queria coloca-lo à frente desse povo e para isso alimentou uma pomba com diferentes tipos de grãos, que colocava nas orelhas de Maomé. A pomba ficava nos ombros dele, pegava alimento em suas orelhas e estava tão acostumada a isso que logo que via Maomé saltava para seus ombros e punha o bico em suas orelhas. O referido clérigo reuniu o povo, disse que diante dele queria descobrir quem o Espírito Santo, sob a forma de uma pomba se mostraria. No mesmo instante ele soltou a pomba sem que se percebesse, ela voou para os ombros de Maomé, colocado no meio da multidão, e pôs o bico em sua orelha. Diante dessa visão, o povo acreditou que o Espírito Santo descia sobre Maomé e falava em seu ouvido as palavras de Deus. Foi assim que ele enganou os sarracenos, que se apegaram a ele e invadiram o reino da Pérsia e o império do Oriente até Alexandria”².

Através deste contato conseguimos refletir que o movimento cruzadista e a derrota das expedições que visavam Jerusalém (no século XIII), são questões fundamentais para a compreensão da escrita de Jacopo de Varazze, uma vez que ele acaba por representar a religião islâmica como pecaminosa, ao longo de seu texto. A construção realizada pelo autor é a de que a origem do Islamismo está no Cristianismo, desta forma o islã seria uma heresia, não um culto a parte, sendo uma necessidade para os verdadeiros cristãos atacarem essa vertente falsa e reconduzir estes fiéis para o verdadeiro caminho de Deus, que teria sido deturpado por Maomé.

² *Legenda Áurea*. São Pelágio, Papa. p. 1007.

Ao longo de nossa pesquisa concluímos que a origem e expansão de uma representação do Islamismo, como percebida na *Legenda áurea*, está vinculada com a derrota da reconquista da cidade sagrada, sendo este o momento em que os cristãos se viram frente a frente com este “outro” em seu próprio território e não conseguiram superá-lo, ou seja, os seguidores do verdadeiro Deus teriam sido parados por pessoas descrentes, que viriam a ser representados como pecadores e falsos. A representação do Islamismo, então, está muito próxima do uso e da realização da apresentação das crenças Hereges (como o Arianismo e o Nestorianismo), e é falado na necessidade de seu combate.

Desta forma ao terem sido derrotados no empreendimento militar que visava à reconquista de Jerusalém, que possuiu como sua filosofia inicial o combate ao inimigo árabe, foi necessária a construção de uma nova ideia, de outra concepção sobre este adversário, e a maneira encontrada para tal foi à apresentação de uma heresia do Cristianismo, de modo a apresentar aqueles que derrotaram os filhos de Deus, não como os mais poderosos, mas como membros da religião cristã, que teriam sido desviados do verdadeiro caminho por um “charlatão”. A representação dos islâmicos como hereges traz a reflexão, de que mesmo que os cristãos tenham sido derrotados em sua luta em territórios sob o domínio árabe, precisavam mostrar sua força e verdade, incentivando os cristãos a fé correta, pois, enquanto o Cristianismo cresceria em sua veracidade, o Islamismo minguaria, em sua falsidade.

A representação dos sarracenos cumpriria este objetivo, de levar, através da pregação, a ideia de que o inimigo é muito similar à população da Europa Medieval, mas devemos ter cuidado, sendo pertencentes a uma heresia vinculada aos prazeres da carne, onde a santidade e a castidade (valores fundamentais na cultura cristã do medievo) são deixados de lado. Ao buscar este contato com a população, temos a luta contra as heresias sendo ampliada, de maneira a gerar uma constante apresentação do Cristianismo como o caminho da salvação e do Islamismo como um desvio da verdadeira fé, ao menos, é assim que podemos compreender os escritos de Jacopo de Varazze, na *Legenda Áurea*, e principalmente, em São Pelágio, Papa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte:

VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea. Vida de Santos*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.

Bibliografia:

ARMSTRONG, K., Maomé: uma biografia do profeta. SP, Cia das Letras, 2002.

BALTA, P. (comp.). *Islam: civilización y sociedades*. Madrid, Siglo XXI, 1994.

BISSIO, B. O mundo falava árabe – A civilização árabe-islâmica clássica através d aobra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta. RJ, Civilização Brasileira, 2012.

BURLLOT, J., A civilização islâmica. Mem Martins, Europa-América, 1992.

CARDAILLAC, L. (Org), Toledo, séculos XII-XIII: muçulmanos, cristãos e judeus: o saber e a tolerância, RJ, Zahar, 1992.

CARVALHO, C. As Hagiografias franciscanas (século XIII): uma reconstrução do conceito de pobreza. Curitiba, 2011.

CASAGRANDE, C. IACOPO DE VARAZZE – Dizionario Biografico degli Italiani, Volume 62, 2004.

CERTEAU, Michel d., A escrita da História. RJ, Forense Universitária, 1982.

DALE, S. “Fourteenth-Century Lombard Chronicles”. In: DALE, s; Lewis, A. W; e OSHEIM, D. J. (orgs). *Chronicling history: chroniclers and historians in medieval and renaissance Italy*. Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 2007.

DELUMEAU, J., História do medo no ocidente: 1300-1800, SP, Cia das Letras, 1989

DONINI, A. Breve história das religiões. RJ, Civilização Brasileira, 1965.

DOUGLAS, M. Pureza e perigo. SP, Perspectiva, 1966.

FALCI, P. G., Os martírios na construção de santidades genderificadas: uma análise comparativa dos relatos da *Legenda Áurea*. RJ, UFRJ, 2008.

GILLI, P., Cidades e Sociedades Urbanas na Itália Medieval – Séculos XII – XIV. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2011;

GUIMARÃES, M. L. O discurso cronístico e a narratividade histórica. In: MARCHINI NETO, D. e NASCIMENTO, R.C. de S. (Orgs). A Idade Média: entre a história e a historiografia. Goiânia, PUCGOIÁS, 2012.

HOURANI, A. Uma História Dos Povos Árabes. SP, Cia das Letras, 1995.

HURLBUT, J. L., The Story of the Christian Church, SP. Editora Vida, 2002.

LE GOFF, J., Homens e mulheres na Idade Média. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

LEWIS, B. Os árabes na história. Lisboa: Estampa, 1994.

LEWIS, B., Judeus no islã, RJ, Xenon, 1990.

LEWIS, D. L. O Islã e a formação da Europa: de 570 a 1215. Barueri: Amarylly, 2010.

MAALOUF, A. As Cruzadas Vistas pelos árabes. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MIATELLO, A. L. P. “Relações de poder e bem comum na Baixa Idade Média Italiana (século XIII – XIV)”. Anos 90 (UFRGS. Impresso), v. 20, n. 38, p. 181 – 217, 2013; Disponível (e retirado) em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/40806/27972>

MIATELLO, A. L. P. Santos e pregadores nas cidades medievais italianas: retórica cívica e hagiografia / André Miatello. – 1 ed. – Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

PALMA, O. de la C. *La Vita Magumenthi de Voragine – Iacobus a Voragine (Iacopo da varazze) c. 1226-1298*. Universidade do Porto, Mirandum 19, 2008.

PLOAKOV, L., De Maomé aos marranos: história do anti-smitismo II, SP, Perspectiva, 1996.

TEIXEIRA, I. S., *A Legenda áurea* de Jacopo de Varazze: temas, problemas, perspectivas. São Leopoldo: Oikos, 2015.

TEIXEIRA, I. S., Tempo, espaço e texto: a Hagiografia Medieval em perspectiva. São Leopoldo: Oikos, 2017.

TEIXEIRA, I. S., Reflexões sobre o Medievo IV: estudos sobre Hagiografia Medieval. São Leopoldo: Oikos, 2014.

TEIXEIRA, I. S. e ALMEIDA, C. C de., Reflexões sobre o Medievo III: práticas e saberes no ocidente medieval II. São Leopoldo: Oikos, 2013.

TEIXEIRA, I. S., BARREIRO, C. N. e GONÇALVES, G. da S., Idade Média: exercícios de pesquisa. São Leopoldo: Oikos, 2017.

TEIXEIRA, I. S. e BASSI, R., A escrita na história da Idade Média. São Leopoldo: Oikos, 2015.

VERNET, J. As origens do Islã, SP, Editora Globo, 2004.